

**102**

**JORGE BARWINKEL († 2010)**



Barwinkel (à esquerda) ao lado de João Mottini.

# LIQUIDAÇÃO DE REVISTAS – 15

Oferta de revistas e álbuns a preços muito baixos. O custo de envio está incluído no preço. O estado de conservação de cada edição está indicado, seguindo a convenção: (MB) – Muito Bom; (B) – Bom; (R) – Regular; (P) – Péssimo. Cada edição ficará reservada ao primeiro que escrever encomendando-a. Após a confirmação, o interessado deve enviar o pagamento em vale postal ou cheque nominal a **EDGARD GUIMARÃES**.

**Histórias da Nossa História** (Editora do Brasil – formato maior) (R) 2, 4, 5, 7 – R\$ 15,00 c/ \* **Histórias da Nossa História** (Editora do Brasil – formato médio) (R) 8 – R\$ 15,00 \* **Cinemin** (Ebal) (B) 30, 33 – R\$ 5,00 c/ \* **A Bagaceira** (Ebal) (R) – R\$ 5,00 \* **Grandes Figuras** (Ebal/1965) (R) 12 – R\$ 5,00 \* **O Herói** (Ebal – Jiraya) (R) 3 – R\$ 4,00 \* **Romances Eternos** (Ebal) (R) 4 – R\$ 4,00 \* **Epopéia Tri** (Ebal) (R) 38 – R\$ 5,00 \* **Homem Aranha Especial em Cores** (Ebal) (B) 2 – R\$ 10,00 \* **Football – Mordillo** (Meribérica/Liber) (B) – R\$ 25,00 \* **O Cruzeiro dos Marretes** (Edinter) (P) 2 – R\$ 10,00 \* **Fort Navajo** (Ibis) (P) 1 – R\$ 15,00 \* **Tempestade no Oeste** (Ibis) (P) 2 – R\$ 15,00 \* **Asterix entre os Helvécios** (Bertrand) (R) – R\$ 20,00 \* **Asterix entre os Bretões** (Bertrand/Ibis) (B) – R\$ 20,00 \* **Yoga – O Caminho para uma Vida Feliz** (Ediouro) (R) – R\$ 10,00 \* **Automóveis – Manutenção e Pequenos Reparos** (Ediouro) (R) – R\$ 10,00 \* **Fotografia com Câmaras de 35mm** (Ediouro) (R) – R\$ 10,00 \* **Heavy Metal** (Editora HM) (B) 2 – R\$ 10,00 \* **Clássicos de Luxo** (Abril) (B) 5 – R\$ 8,00 \* **O Grão-Vizir Iznogud** (RGE) (R) – R\$ 15,00 \* **As Férias de Iznogud** (RGE) (R) – R\$ 15,00 \* **Lucky Luke – Dalton City** (RGE) (B) 1 – R\$ 20,00 \* **Lucky Luke – Jane Calamidade** (RGE) (B) 2 – R\$ 20,00 \* **Lucky Luke – Os Dalton no México** (RGE) (B) 3 – R\$ 20,00 \* **Lucky Luke – O Almofadinha** (RGE) (B) 4 – R\$ 20,00 \* **Lucky Luke – A Mãe Dalton** (RGE) (B) 5 – R\$ 20,00 \* **Michel Vaillant – Rush** (Vecchi) (R) – R\$ 15,00 \* **Do Guarani ao Guaraná** (Casa de Rui Barbosa) (B) – R\$ 20,00 \* **Cinquentenário Disney** (Abril – capa dura) (B) – R\$ 50,00 \* **Tio Patinhas Especial** (Abril – capa dura) (B) – R\$ 50,00 \* **Scoopy-Doo Especial** (Panini) (R) 1 – R\$ 6,00 \* **Mad Especial** (Panini) (B) 5 – R\$ 6,00 \* **Mundo dos Super-Heróis** (Europa) (MB) 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 – R\$ 10,00 c/ \* **Pepi Papo** (Saber) (R) 5, 7, 9, 10 – R\$ 10,00 c/ \* **Akim** (Noblet) (R) 36, 66, 68, 73, 162, 164, 168, 169, 177 – R\$ 5,00 c/ \* **Giddap Joe Super Edição** (Noblet) (R) 1, 2 – R\$ 10,00 c/

**LIVROS: Máximas e Mínimas do Barão de Itararé** (Record) (R) – R\$ 8,00 \* **Sherlock Holmes – O Signo dos Quatro** (Ediouro) (R) – R\$ 6,00 \* **Padre Brown – O Homem de Duas Barbas** (Ediouro) (R) – R\$ 6,00 \* **Revista Dimensão** (MB) 26 – R\$ 10,00 \* **Capitalismo para Principiantes** (Ática) (P) – R\$ 7,00 – **TEXTOS SOBRE QUADRINHOS**: Pacote com cerca de uma centena de recortes de artigos de jornais (“Folha de S. Paulo”, “Estado de S. Paulo”, etc.) sobre HQs – R\$ 20,00 o pacote.

## QUADRINHOS INDEPENDENTES

Nº 102 MARÇO/ABRIL DE 2010

Editor: Edgard Guimarães – edgard@ita.br  
Rua Capitão Gomes, 168 – Brasópolis – MG – 37530-000.  
Fone: (035) 3641-1372 (sábado e domingo).  
Tiragem de 120 exemplares, impressão digital.

## EDITORIAL

Começo este número com as tristes notícias dos falecimentos de Frederico Jorge Barwinkel e de Sérgio Porini. Barwinkel, um dos maiores editores de fanzines do Brasil, que durante mais de 25 anos lançou religiosamente o “Fanzine d’O Grupo Juvenil”, uma preciosa fonte de informações sobre os quadrinhos antigos, estrangeiros e nacionais. Porini, um colecionador e vendedor de gibis antigos sempre com os preços mais acessíveis e sempre um incentivador do “QI”. Infelizmente não pude fazer um texto mais detalhado sobre estes dois amigos que partiram, fica apenas a homenagem feita a um deles na capa.

Este número mantém o padrão prometido, vários textos informativos e analíticos, muita informação também no ‘Fórum’, colaborações de HQs e tiras, o resgate de mais alguns trabalhos interessantes de Maurício de Sousa e a seção de divulgação de Edições Independentes com a participação um pouco maior dos editores.

Boa leitura!



## ANÚNCIO NO “QI”

O anúncio para o “QI” deve vir pronto, e os preços são:

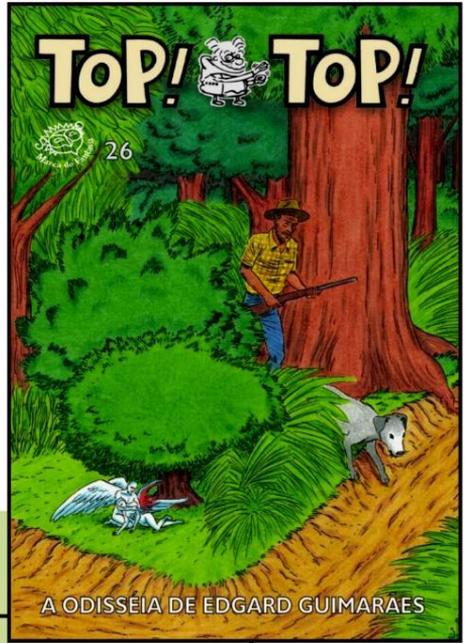
1 página (140x184mm):	R\$ 40,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 20,00
1/2 página (68x184mm):	R\$ 20,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 10,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 5,00

Nesta edição do Top! Top! o destaque é o autor e editor Edgard Guimarães, não só pela consistência de seu trabalho, mas também por seu compromisso com a difusão dos quadrinhos brasileiros. Eis uma boa chance de conhecer o homem por trás da obra.



**Top! Top! 26**  
Com Edgard Guimarães  
Editor: Henrique Magalhães  
Fev. 2010, 52p. 14x20cm.  
R\$8,00

[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)

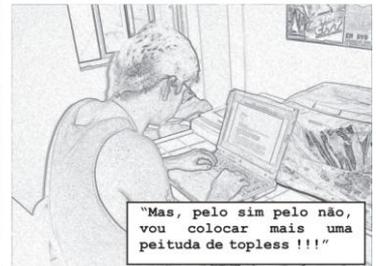
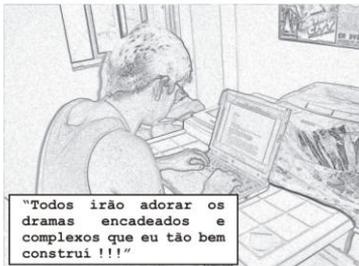
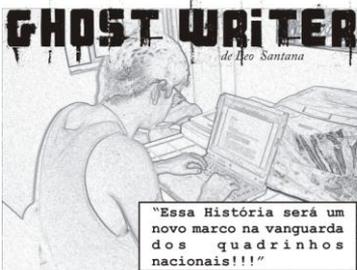


## Noticias sobre HQ???

**Acesse** 

<http://madeinquadrinhos.blogspot.com>

Entrevistas, reportagens, colunas, matérias, dicas e um mundo informações sobre quadrinhos



0002 - 22-07-2006

# UMA POLÊMICA – GIBI É CULTURA?

*O governo federal tenta aprovar um projeto chamado “Vale Cultura” – pelo que sei ainda não foi aprovado – e este projeto motivou um pequeno artigo de Gilberto Dimenstein na “Folha de S. Paulo” que trouxe repercussão entre os quadrinhistas pelo modo como ele fez referência aos gibis. Apresento a seguir, uma notícia da “Folha” sobre o “Vale Cultura”, depois o comentário polêmico de Dimenstein e no final uma carta escrita por Gazy Andraus e enviada ao Dimenstein, que não a respondeu.*

*Antes de mais nada, considero péssimo o artigo inicial da “Folha”, li e não entendi, afinal, o que é o “Vale Cultura”.*

**CCJ do Senado aprova projeto que cria o “Vale Cultura” (2/12/2009)**

GABRIELA GUERREIRO da Folha Online, em Brasília.

A CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) do Senado aprovou nesta quarta-feira o projeto que cria o “Vale Cultura”, benefício de R\$ 50 para os trabalhadores de baixa renda (que ganham até cinco salários mínimos) a ser utilizado em eventos e bens culturais – nos moldes do vale-refeição. Pelo projeto, as empresas que adotarem o “Vale Cultura” terão isenção fiscal, no limite de 1% sobre o Imposto de Renda devido. Os senadores retiraram do texto a possibilidade do “Vale Cultura” ser oferecido para estagiários, servidores públicos federais e aposentados. As mudanças foram incluídas durante tramitação na Câmara, mas os senadores mantiveram o texto original do Executivo. O texto segue para análise do plenário do Senado, mas ainda não há acordo com a oposição para colocá-lo em pauta. O projeto impede que o benefício seja convertido em dinheiro, assim como estabelece que preferencialmente ele deve ser concedido por meio de cartão magnético.

O governo enviou ao Congresso o projeto de lei que cria o “Vale Cultura” em regime de urgência – estabelecendo a votação do texto em até 45 dias. A oposição vincula a pressão na análise da proposta ao lançamento do filme “Lula, o Filho do Brasil”, que conta a história de parte da vida do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Em ano eleitoral, a oposição afirma que o governo vai usar a concessão do benefício do “Vale Cultura” para estimular a população a assistir o filme de Lula em 2010. O “Vale Cultura” é concebido nos moldes de um benefício trabalhista, como, por exemplo, um vale alimentação. Com o cartão, os beneficiados poderão adquirir ingressos de cinema, teatro, museu, shows, além de livros, CDs e DVDs, entre outros.

*Alguém entendeu o que é esse “Vale Cultura”? O sujeito comprova sua renda inferior a 5 salários mínimos, consegue um cartão em algum órgão do governo e pode gastar até R\$ 50,00 por mês com produtos culturais? É isso? Mas comprando o quê e onde? E a questão principal, que foi o cerne da polêmica: o que será considerado produto cultural?*

**Mulher pelada é cultura? (3/12/2009)**

GILBERTO DIMENSTEIN, da Folha Online.

Comentei aqui por diversas vezes que considero o “Vale Cultura”, capaz de envolver até R\$ 7 bilhões, um previsível desperdício – o dinheiro seria mais bem usado se focado nos estudantes das escolas públicas. Desde ontem, meu receio aumentou ainda mais, pela possibilidade de que, com esse benefício, mulher pelada também seja cultura. Ou gibi. Foi aprovada uma emenda no Congresso permitindo que o vale-cultura seja usado para comprar jornais, revistas e gibis. Senadores argumentaram que, com isso, revistas como a “Playboy” seriam beneficiadas, mas a emenda foi aprovada assim mesmo. Nada contra a “Playboy”, mas mulher pelada não é cultura – muito menos com dinheiro público.

**Carta enviada por Gazy Andraus ao jornalista Gilberto Dimenstein  
(publicada originalmente no site [www.impulsohq.com.br](http://www.impulsohq.com.br))**

Sou pesquisador doutor em Ciências da Comunicação e membro do Observatório de Pesquisa da ECA-USP, além de membro do INTERESPE – Grupo de Estudos de Interdisciplinaridade e Espiritualidade na Educação. Além disso, atuo como professor em um centro universitário de Guarulhos (FIG-UNIMESP) na área de artes e pós em docência superior, bem como sou autor de Histórias em Quadrinhos (HQ) de temática fantástico-filosófica. Li seu artigo criticando o possível uso do vale-cultura, que poderia ser usado para fins ilegítimos no que se refere à cultura. Muito válido atentar os leitores dos perigos de manobras e usos errôneos por parte do governo quando criam “projetos” para auxiliar a sociedade em seu desenvolvimento. Mas a questão do que significa cultura é bastante controversa no meio acadêmico. E não só nele. Vide a seguir meu relato, para melhor compreensão do que intento esclarecer.

Lembro-me quando, na década de 1980, Delfim Netto era ministro e taxou os “supérfluos”. Que seriam produtos diagnosticados como bens de consumo não culturais (seja lá o que fosse isso). Daí é que tais produtos teriam uma taxa maior, e consequentemente sairiam mais caros para o bolso do consumidor. Um exemplo seriam os livros que, como bens culturais, estariam isentos da taxa. Porém, outros, como discos de vinil (me lembro bem disso), estariam na lista dos que eram “supérfluos”. Mesmo no final de minha adolescência, quando se deu o exercício dessa política econômica ambígua (tenho atualmente 42 anos), eu brincava criticamente com meus amigos a respeito disso. Pois nas capas dos discos, além dos dados da gravadora, do músico e títulos das faixas no verso, costumava ser impressa a frase: “Discos são cultura” (sic?). A analogia era simples e direta: Delfim Netto, à revelia de sua (boa?) intenção, taxou a cultura de não cultura, num sofisma inofensível (só para brincar com a contradição que houve no governo daquele período, em relação ao quesito aqui em pauta). Atualmente é possível entender melhor porque Netto fez isso. Em um de seus recentes textos expôs que: “Cultura é um conceito abstrato difícil de definir porque envolve a própria forma de viver da sociedade (as crenças, o conhecimento, as leis, os costumes, a arte, a moral) mas é importante para organizá-la para o desenvolvimento econômico e social.” Ainda assim, o que ele fez não justifica e nem esclarece o que é um bem cultural supérfluo, ou não. É supérfluo porque é uma revista de desenhos que leva ao lazer, e não é supérfluo porque é um livro técnico? Voltarei a essa questão mais ao final dessa minha carta.

Mas a minha narrativa acima apenas serve para ilustrar como a questão que você colocou é passível de controvérsia e estudos, antes de se realizar quaisquer decisões arbitrárias. O ponto importante que me deixou receoso em seu texto é sua admissão de que “gibi” não seria cultura (independente de como você vê “cultura”, e como ela pode ser interpretada. Na verdade, aparentemente você considera que os quadrinhos sejam de menor valor à educação e ensino, ao querer criticá-los como não valorativos, caso algum inconsequente popular brasileiro vá utilizar de seu pretensão vale-cultura para adquiri-lo.

Sinto dizer, mas sua visão me soa antiquada e fere as descobertas atuais da neurociência e das pesquisas com imagens e com leituras de quadrinhos (que são impressos em revistas no Brasil, chamadas de “gibis”). Pelo teor de seu texto, há um preconceito arraigado de que quadrinho é algo menor e atrapalha o ensino, a “real” cultura. Eu sei que não é culpa sua de ter o preconceito, pois se formatou em nossa não tão ilibada cultura (de novo essa palavra) brasileira, deflagrada pela perseguição que os quadrinhos tiveram na década de 1950 nos EUA, França e por aí afora (o que inclui o Brasil).

Depois, graças aos Estudos Culturais (está aí o professor Waldomiro Vergueiro, coordenador do Observatório de HQ da USP, que reitera essa informação), os quadrinhos começaram a ser melhor observados e pesquisados, principalmente ao fim da década de 1960 e 1970, com nomes como Umberto Eco e outros. Atualmente, a nuvem de gás tóxico que ainda grassava, mantendo-nos hipnotizados com informações memetizadas de que os quadrinhos eram um mal, está bem menos forte, e diria, quase dissipada. “Quase”, porque ainda há focos dessa toxicidade espalhados, simplesmente por falta de uma informação melhor que as ventile e as disperse de vez. É isso que estou tentando fazer, nas melhores das intenções, pois os quadrinhos têm sido parte integrante de minha vida, de minhas pesquisas e de meu lazer.

Aprendi com eles um manual de informações interdisciplinares (imagéticas também), que só me incentivaram a buscar mais esclarecimentos em outras fontes, quer livros, dicionários, enciclopédias, professores e atualmente Internet e também nos quadrinhos. Aprendi a desenvolver a fruição dos desenhos (pelo menos deixando de ser como a maioria, um analfabeto icônico), e também continuei desenvolvendo o ato de desenhar, que é menosprezado no ensino antiquado manco cartesiano. Eu escrevo regularmente duas colunas que considero importantes na Internet: uma para o IBAC – Instituto Brasileiro de Arte e Cultura e outra para o site ImpulsoHQ numa coluna que batizei de “Consciência e Quadrinhos”. Os textos para o IBAC são autobiográficos e contam cronologicamente minha relação afetiva, artística e acadêmica com os quadrinhos.

Enfim, são produzidos, os quadrinhos, por autores espalhados pelo mundo inteiro, cada qual com suas idiossincrasias e culturas próprias, atualmente mancomunadas e mixadas, como o é, por exemplo, a pan-cultura nacional, irrigada de índios, europeus, árabes, asiáticos e muito do continente cultural africano. Os quadrinhos, como quaisquer outras artes, expõe e refletem as características desses autores que comungam com seus semelhantes e espalham suas informações pela produção editada (e pela Internet atualmente) mundialmente, nas revistas, nos fanzines, nos álbuns, incluindo HQ autorais, artísticas, pois são também arte e não somente um material de comunicação. Isto tudo eu tenho acompanhado e tentado demonstrar em minhas aulas (assim como os outros pesquisadores brasileiros e estrangeiros), para dirimir aquela nuvem tóxica que era tida erroneamente como benéfica – a do preconceito: conceito sem pré-avaliação!

Dessa maneira foi que fiz meu mestrado em Artes na Unesp enfocando os quadrinhos autorais artísticos, e o doutorado na USP colocando-o de igual par igual no uso universitário com os livros, defendendo sua informação imagética, que deflagra e ativa certas áreas do hemisfério direito do cérebro, enquanto que os fonemas e o cartesiano deflagram-se e ativam o esquerdo. Assim, usar quadrinhos (arte em geral) no ensino auxilia numa inteligência sistêmica e não pende quase que exclusivamente ao racional e cartesiano, o que atrofia a inteligência criativa. Os quadrinhos ajudam a reverter essa atrofia. O ensino tradicional, que é o que aparentemente seu texto defende, já que colocou como péssimos culturalmente as revistas e gibis, foi o que mais me causou distanciamento na escola: eu aguardava resignado, quase sempre, os finais da aula para poder sair livre daquela “prisão”. É esse tipo de ensino cartesiano, em que pareciam suficientes informações em pedaços de cada disciplina, que criaram arremedos de humanos, “frankensteins”, que não sabiam gerir suas vidas emocionais, nem sabiam usar seu processamento criativo. É aqui que entram as artes, para que haja esse equilíbrio mental salutar na cabeça do aluno, não importando que idade (ainda mais necessário no ensino universitário, pois é mais racional ainda...e já que a mente é neuroplástica...).

Com relação a revistas de nudez feminina, mesmo isso tem que ser reavaliado. Eu teria um pensamento, nesse caso, similar ao seu, no tocante a criticar compra de tais revistas com o suposto vale. Mas daí a dizer que não são culturais... isso é um problema. Provavelmente você quis dizer que elas não servem para uma educação valorativa, com o desenvolvimento da inteligência, de valores morais e éticos etc. Por que não? Pelos mesmos motivos, creio eu, que a publicidade e a tv usam similares objetos para “vender” sua assistência. Ainda assim, há programas televisivos (parcos, mas há) que servem à inteligência e manutenção do desenvolvimento moral e ético social. Porém, também há revistas pornográficas e revistas de nus. Há os que defendem o nu artístico. Quais seriam os valores e regras? A questão da idade, suponho: acima de 18 anos. E tais revistas poderiam ser utilizadas em aulas de sociologia e afins? Por que não?

Nos quadrinhos também há isso. E não quero dizer que os que se destinam ao público adulto sejam pornográficos ou eróticos. Há de vários gêneros e temas, como você verá a seguir. Basta que você se encaminhe em quaisquer de nossas livrarias que verá agora seções destinadas aos quadrinhos, em que poderá encontrar bastante material para análise, em formatos de álbuns e não simplesmente revistinhas recicláveis (e que ainda existem também, sem problemas). Enfim, eu poderia me delongar muito mais, porém creio ser o suficiente para que você possa refletir no que escreveu, e repense o que pode ser “cultura” realmente. Como isso pode ser usado para melhorar o cidadão e a sociedade e por que “gibis” não seriam benéficos para isso?

Reitero: não confunda os gibis de baixa qualidade, como representantes dos quadrinhos (há músicas de baixa qualidade, filmes de baixa qualidade, literatura de baixa qualidade etc... ainda assim, precisamos repensar o que queremos dizer com baixa qualidade. Decerto há como pensarmos nisso, e na verdade, precisamos repensar).

Com relação à variedade temática e de gêneros da linguagem dos quadrinhos, há os de super-heróis (e muitos trazendo homens musculosos e mulheres em poses sensuais: talvez aqui paire alguma analogia em seu texto, entre gibis e mulher pelada. Ainda assim, em meio a esse gênero, há a ficção científica e alusão à imaginação e inventividade humana que não podem ser negados), biográficos, quadrinhos de divulgação científica, quadrinhos de filosofia e de fantasia-filosófica, quadrinhos poéticos, quadrinhos de ação (como têm os filmes norte-americanos: mas não só nesse gênero), quadrinhos documentais, como “Maus” de Art Spiegelman, que ganhou o prêmio Pulitzer e narra a autobiográfica relação de um filho (o autor) com seu pai que viveu nos campos nazistas. Isso sem falar em excelentes livros teóricos ajudando os professores a entenderem essa linguagem e saberem usá-la em salas de aula.

É necessário, como se viu, tomar mais cuidado com as críticas, quando há desconhecimento real dos “alvos”. Digo isso porque reconheço seu trabalho como jornalista. Você pode influenciar (e decerto influencia) professores que repercutem suas posições. Isso só reforça a necessidade de um cuidado maior, antes de acusar com dados, fatos que talvez pense conhecer, mas que em verdade repete padrões que já não representam a realidade contemporânea na qual estamos imersos (com a física quântica e com a ciência cognitiva das tomografias computadorizadas que já pesquisam como nossas mentes pensam). Assim, os “gibis” são muito mais do que parecem, refletindo a gama de nomes que possuem pelo orbe planetário, como Bande desenhadas, Comics, Arte sequencial, ou apenas quadrinhos, enfim.

Mais um detalhe: como professor, utilizo as histórias em quadrinhos tanto na área de educação artística, como na de pós-graduação em docência e formação de educadores, tendo tido excelentes resultados e respostas por parte dos acadêmicos e alunos. E não só eu, como muitos outros assim têm atuado, e conseguido inverter a situação antiga, em que os quadrinhos eram vistos como empecilhos na educação, e atualmente são vistos como auxílio pedagógico, ainda que esta transição, ao que parece, não tenha ainda sido o suficiente.

Tem havido, também diversos simpósios e eventos acadêmicos brasileiros, sérios, debatendo os quadrinhos e sua importância, e mesmo seu uso, como por exemplo, na formação cidadã e reconhecimento de temas científicos, como a Nanotecnologia e seus efeitos, como no evento denominado “Nanotecnologia e(m) Quadrinhos”, organizado pelo Fundacentro e Observatório de HQ, realizado esse ano.

Assim, agradeço sua atenção por ter lido, e sei que irá refletir antes de se por novamente a criticar os quadrinhos. Pode até fazer isso, é seu direito: mas peço que o faça com embasamentos, e depois que se colocar a conhecer algumas obras e a lê-las, bem como se inteirar do universo de pesquisa que engloba os “gibis”, que, como viu, não é pouco e nem de se menosprezar.

*Estou publicando o texto de Gazy Andraus pela sua importância na defesa da História em Quadrinhos como Linguagem e meio de comunicação, além de valioso instrumento educacional e, sem qualquer dúvida, participante da formação cultural do brasileiro. O texto de Gazy mostra bem as pesquisas que têm sido feitas sobre as Histórias em Quadrinhos e como sua linguagem tem importância na formação da mente dos alunos. Houve uma pesquisa feita há alguns anos que mostrou, estatisticamente, que alunos que liam regularmente revistas de quadrinhos, tinham um índice maior de compreensão de outros conteúdos do ensino formal.*

*O artigo de Gilberto Dimenstein acabou provocando, devido à simples inclusão da palavra “gibi”, uma reação daqueles que têm lutado para o reconhecimento das Histórias em Quadrinhos como um produto cultural legítimo e da mesma importância que qualquer outra forma de expressão, comunicação ou arte. Luta esta sempre necessária, pois nos meios de comunicação há sempre desinformados e mal intencionados prontos a ressuscitar o velho preconceito contra os quadrinhos.*

*Independente se Dimenstein pertence ao grupo dos preconceituosos, não parece ter sido intenção dele no referido texto engrossar as fileiras dos quadrinhóforos. Foi apenas infeliz em usar a palavra “gibi” como sinônimo de toda História em Quadrinhos de má qualidade. A reação de Gazy, entre outros, é correta e o ponto a ser batido é que não é mais admissível usar a palavra “gibi” desta forma generalizada. Ninguém diz que “literatura” é ruim, embora a grande maioria dos livros tenha somente lixo. O mesmo em relação a cinema, teatro, artes e, pior, jornalismo. A imprensa tem se arvorado em Quarto Poder, mas são raros os jornalistas que têm alguma vergonha na cara. A prova disso é simples. Basta ir a uma banca de jornal e ver as matérias de capa da “Veja” e da “Carta Capital”. Não é possível que um mesmo assunto tenha os significados diametralmente opostos estampados nas capas dessas duas revistas. Conclusão: tanto uma como outra não faz jornalismo, usa seu veículo para defesa de seus interesses ou ideais, ou seja lá o que for que professem. É muito mais difícil achar uma matéria jornalística que preste do que uma revista de quadrinhos de qualidade.*

*Voltando ao ponto, ainda que tenha resvalado pelo assunto que causou a polêmica, o objetivo de Dimenstein em seu artigo é bem outro. Esse Vale Cultura é claramente mais uma tentativa de estelionato eleitoral legalizado proposto pelo governo federal. Este governo enxergou de maneira clara que o meio mais eficiente de conseguir voto é colocar na mão da população um recurso sem contrapartida. Do ponto de vista ético, o ideal é a transferência de poder aquisitivo para a população através da geração de emprego: o sujeito trabalha e recebe sua remuneração. E a grande luta é que esta remuneração seja justa, digna. Mas tem que ser a contrapartida de um trabalho realizado. O que aconteceu com o candidato cujo lema era “trabalho, trabalho, trabalho”? Queísso, meu, quer que a gente trabalhe três vezes? É ruim! No entanto, se em vez de emprego, for oferecida uma bolsa-família, uma bolsa-escola, uma bolsa-botijão, e para completar uma bolsa-gibi, então esse é o melhor dos mundos. Estas políticas assistenciais na base de bolsas de qualquer tipo com o mínimo de contrapartida são extremamente nocivas à formação dos cidadãos. Mas rende votos, com certeza, e do modo mais fácil. E se o Judiciário acha que este procedimento é legal e não constitui compra de votos, que seja. Não há nenhuma diferença conceitual entre uma bolsa-qualquer-coisa e as condenadas políticas do “sapatão” ou do “pão com mortadela” praticadas pelo coronelato. Apenas que estas sempre foram claramente compra de voto.*

*Portanto, o cerne do artigo de Dimenstein é legítimo. Uma política cultural ética passa longe de um Vale Cultura. É preciso investimento sério em educação, nas escolas, nas bibliotecas, em centros culturais... Aliás, uma questão interessante neste Vale Cultura é que o projeto valoriza o fato do indivíduo ter que comprar seu produto cultural. Está bem dentro da mentalidade atual, cada pessoa tem que ter o seu produto pessoal, o seu celular, o seu computador etc. Ora, sem dúvida que a posse de produtos é motivo de satisfação pessoal, de realização etc, mas também não é assim. Para o caso específico de produtos culturais, o que é preciso é a criação de bibliotecas públicas bem equipadas, não somente com os livros recém-lançados, mas também CDs, DVDs, onde um único exemplar possa servir a várias pessoas. Boa parte de minha vida estudantil eu passei em bibliotecas escolares e públicas. Um programa ágil e eficiente de equipagem das bibliotecas é indispensável se o objetivo for realmente melhorar a formação cultural das pessoas.*

*Em relação ao ponto “O que é cultura, afinal?”, será que o gibi é cultura? Ou o Dimens tem razão? Certamente a História em Quadrinhos é uma linguagem na qual é possível realizar um produto do mais alto valor cultural. Certamente a grande maioria dos gibis é lixo cultural. Como é lixo a maioria dos produtos culturais de qualquer tipo, mas não é esse o ponto. O ponto é que se você coloca na mão do sujeito um Vale e deixa que ele escolha o que comprar, o que acham que escolherá? O gibi cultural (que há às centenas, talvez milhares) ou o gibilixo (centenas de milhares por mês)? Ora, direis, ouvir estrelas, o sujeito tem o direito de comprar o que ele quiser, ninguém pode dizer o que uma pessoa deve gostar ou não. Certo? Certo, com o dinheiro dele, obtido com seu trabalho, faça o que quiser. Com o recurso de uma política pública, a coisa é diferente. Se o Estado vai gastar uma fortuna com cultura (e deve mesmo), este recurso deve ser bem gasto com Cultura de qualidade. E como identificar quais são estes produtos culturais (de qualidade) com os quais o Estado deve soltar a grana? Em teoria, é absurdamente fácil tal distinção. O recurso público deve ser gasto com aquilo que o sujeito NÃO QUER COMPRAR POR SI MESMO. A compra de gibilixos e revistas de mulher pelada, pode deixar por conta do cidadão que ele se vira para conseguir, para isso não precisa de política pública. As pessoas não são estes ineptos que o Estado quer fazer pensar, que precisa que se faça tudo por ele. O Estado precisa, sim, criar infraestruturas, condições de trabalho, de assistência de saúde e educacional, e o resto deixe por conta das pessoas. A molecada que queria comprar não só “Gibis” mas também “Guris” nas décadas de 1940 e 1950 não ficava chorando Vale Cultura. Ia fazer seu dinheirinho, engraxar sapato, vender doce, comprava, trocava, emprestava, fazia sua vida. Essa cultura, a cultura “gostos a”, não precisa de incentivo. Mas a cultura de maior densidade, esta causa inicialmente rejeição. E nem poderia ser diferente, por ter maior conteúdo, não é imediatamente compreendida, precisa de investimento de tempo e estudo. Esta precisa de incentivo, de política pública cultural e educacional. E a Cultura e a Educação de qualidade não é gostosa, pelo menos num primeiro momento. Exige dedicação para que seu valor se revele. E a recompensa é bem maior do que a obtida com a cultura fácil e gostosa. O alvo de uma política cultural pública deve ser este: permitir o acesso amplo da população a um produto que espontaneamente não procuraria. Produtos cujo valor só se reconhece sendo educado para isso.*

*A proposta de um programa como o Vale Cultura mostra claramente que o objetivo não é uma política cultural séria, e duvido que em algum momento tenha sido este o objetivo. Mas é uma política eleitoreira eficiente, sem dúvida. E os gibis, ao entrarem no texto de Dimenstein, sabe-se lá se inadvertidamente, acabaram desviando o foco de um debate mais urgente e relevante.*

## KATITA COMEMORA

15 anos dizendo o que pensa e fazendo o que gosta



Gibi: R\$ 4,00 Álbum (2ª edição ampliada): R\$ 10,00

Cx. Postal 20.020 São Paulo Cap CEP: 02720-970

## A CUECA POR CIMA DA CALÇA

Edgard Guimarães

*Carta enviada ao editor da revista "Mundo dos Super-Heróis"*

Acabo de comprar o número 18 de "Mundo dos Super-Heróis", gostei da edição, mas gostaria de comentar o texto da página 12, 'O Eterno Mistério das Cuecas'. Foi um texto muito bom, mas tenho duas observações a fazer.

A primeira é que é compreensível que alguém que tenha preconceito contra as HQs faça piadinha com a "cueca por cima das calças", mas a revista devia colocar a questão da maneira correta: os super-heróis usam um calção por cima da calça.

A segunda é que o artigo explicou muito bem a origem do calção por cima da calça, mas como que se desculpando pelo fato, ou seja, "os heróis dos quadrinhos não têm culpa dos halterofilistas se vestirem daquele jeito"... E termina reconhecendo que hoje esta vestimenta é uma "infame cuequinha".

De fato, o uniforme dos heróis dos quadrinhos foi inspirado nas vestimentas reais dos artistas de circo, não só halterofilistas como acrobatas, trapezistas, ginastas de todo tipo. E os artistas de circo foram durante muito tempo o ideal da molecada, o protótipo da vida de aventuras. Mas esta vestimenta continua sendo usada atualmente pelos artistas de circo e por vários tipos de atletas. E há uma razão para isso. Toda pessoa cuja atividade exige movimentos acrobáticos (o caso dos heróis dos quadrinhos) tem que usar uma vestimenta que fique justa na virilha. Ou seja, apenas um calção, ou se usar uma calça, precisa colocar por cima um calção que ajuste a calça à virilha. A razão é simples, se a calça não estiver justa (por exemplo, a calça comum que todo mundo usa no dia-a-dia), ao fazer um movimento brusco com a perna, o cós da calça pode bater no genital da pessoa. E com violência, dependendo do movimento. Não é algo desejável em nenhuma circunstância, muito menos ao enfrentar bandidos. Portanto, o calção por cima da calça é um recurso imprescindível no uniforme de ginastas. A alternativa é usar uma calça ou calção bastante largos, como os jogadores de futebol ou lutadores de artes marciais.

# O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

Edgard Guimarães

Aconteceu no dia 27 de fevereiro de 2010, no Senac Lapa Faustolo, na Rua Faustolo, 1347, Lapa, São Paulo, SP, o 26º PRÊMIO ANGELO AGOSTINI, comemorando o DIA DO QUADRINHO NACIONAL, com destaque para o Centenário da morte de Angelo Agostini.

Sob o comando de Worney Almeida de Souza (com auxílio de seu filho e Marcos Venceslau), as atividades começaram com um pouco de atraso, por volta das 14h, com a exibição do filme produzido por Henfil, “Tanga – Deu no New York Times”.

Enquanto o filme era exibido, o público, bem pequeno no começo, foi chegando e enchendo o auditório do Senac.

Às 15h25m começou um debate com o tema ‘A Divulgação dos Quadrinhos na Internet’, mediado por Bira Dantas, com a presença de Renato Lebeau (do sítio de divulgação ImpulsoHQ), Rodrigo Febrônio (do programa da TVA, Banca de Quadrinhos), Sidney Gusman (do sítio UniversoHQ), Paulo Ramos (do Blog dos Quadrinhos), Fábio Sales (do programa de TV na web, HQ Além dos Quadrinhos) e Carlos Costa (do sítio e editora HQManiacs). A grande questão levantada foi se a internet promove o aumento da produção de quadrinhos. Muita informação importante foi levantada e, embora tenham excedido o tempo previsto, os debatedores só puderam falar a metade do tempo. Isso porque a outra metade do tempo foi gasto por uma pessoa da plateia que insistiu em intercalar suas opiniões e perguntas a cada intervenção de um debatedor, talvez imaginando que a mesa tenha sido composta para dirimir suas dúvidas ou secundá-lo em sua exposição. Para o próximo ano, fica a sugestão de chamá-lo ao palco com um número só para ele ou barrá-lo na entrada.



Antes do início da premiação, Worney, como de costume, abriu espaço para que os presentes divulgassem seus trabalhos. Sérgio Moretini falou sobre um Curso de Quadrinhos que está ministrando. Suzana, do Senac, falou sobre a participação do Senac no evento e nas demais atividades promovidas pela entidade. Leandro Robles divulgou o segundo número de sua revista “Macaco Albino”. Alexandre Gallão falou sobre sua pesquisa pela FAAP com o tema “Como o consumidor de quadrinhos se comporta”, distribuindo um questionário para a plateia. Bira Dantas mostrou o recém-lançado “Camiño di Rato” nº 3 de Rosemário Souza e Matheus Moura. Gazy Andraus fala sobre o evento “Nos Bastidores dos Quadrinhos” no Centro Cultural da Juventude, onde iria proferir a palestra ‘Quadrinhos Filosóficos’ logo à noite. Laudo Ferreira divulga seus trabalhos: “O Mistério da Mula Sem Cabeça” pela Via Lettera, e “História em Quadrinhos do Brasil” da Europa. Paulo Anjos mostra seus lançamentos recentes com Benjamin Peppe. Kendi Sakamoto fala sobre sua editora e futuro lançamento do livro de Diamantino Silva, “Quadrinhos para Quadrados”.

Retomando a palavra, Worney fala de Angelo Agostini e lê a Oração do Quadrinhista com fundo musical feito à gaita por Bira Dantas. Relembra os mestres Minami Keizi e Ivan Saidenberg falecidos durante o ano.

Começa a entrega dos prêmios. Na categoria ‘Melhor Desenhista’, Will entrega o troféu para Primaggio, representando Adauto Silva. Paulo Ramos entrega o troféu de ‘Melhor Roteirista’ para Laudo Ferreira Junior. Na categoria ‘Melhor Cartunista’, Anita Costa recebe, em nome de Sivanildo Sill, o troféu de Bira Dantas. Fábio Sales entrega o troféu de ‘Melhor Lançamento’ a Márcio Baraldi, pelo seu livro “Roko-Loko – Hey Ho, Let’s Go!”. Marcos Venceslau é novamente chamado para entregar o troféu de ‘Melhor Fanzine’ para Edgard Guimarães, pelo “QI”. O troféu Jayme Cortez, para os incentivadores do Quadrinho Nacional, foi entregue a José Salles, da Editora Júpiter II, por Roberto Guedes. O primeiro contemplado na categoria ‘Mestres do Quadrinho Nacional’ foi Franco de Rosa, que recebeu o troféu de um grupo de amigos e colegas de trabalho, entre eles Sérgio Moretini, Salvador, Paulo Yokota e César Magalhães. Para representar Henrique Magalhães, Gazy Andraus recebeu de Edson o troféu de Mestre. Por fim, Suzana, do Senac, entregou o troféu de Mestre a Rodval Matias. Um homenageado não previsto foi o próprio Worney, que teve reconhecido seu esforço solitário na organização do Dia do Quadrinho Nacional ao longo de 26 anos.



Encerrada a cerimônia, houve tempo para muita conversa entre os presentes. Estiveram no evento, além dos já mencionados, Antonio Armando Amaro, Dedy Edson, Daniel Esteves, Hugo Nanni, além de amigos e familiares dos premiados.

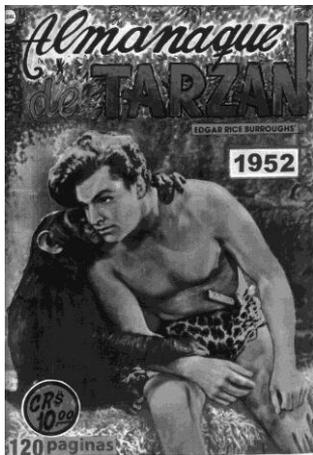
Durante todo o evento, o Coletivo Quarto Mundo manteve uma banca para venda de suas publicações. Também houve a produção de uma HQ coletiva gigante nas paredes do auditório.

*As fotos acima foram enviadas por Roberto Guedes aos seus leitores. A primeira mostra Guedes, Bira Dantas e Rodval Matias e a segunda mostra José Salles, Guedes, Márcio Baraldi e Laudo Ferreira Junior.*





# Almanaque de TARZAN e Revista TARZAN

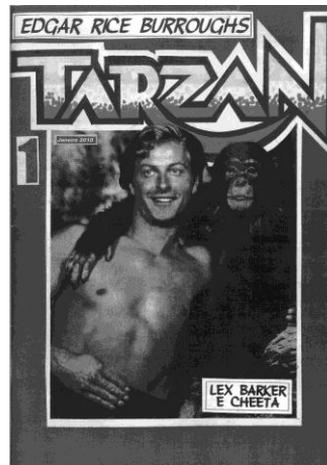


Sérgio Luiz Franque lança mais duas edições de Tarzan. O primeiro é o “Almanaque de Tarzan” para o ano de 1952. Sérgio está produzindo almanaques de Tarzan no mesmo formato da Ebal para os anos em que esta editora não os lançou. Já foram lançadas mais de 20 edições desde o ano de 1950 até 1993, por enquanto.

Este Almanaque para 1952 traz seis HQs de Tarzan: ‘A Legião Perdida’, ‘O Prêmio do Caçador’, ‘O Caçador de Macacos’ e ‘Tarzan Cumpre uma Promessa’, todas de Jesse Marsh, e ‘Os Canibais de Kando-Moi’ e ‘Os Dois Prisioneiros’, talvez de Jesse Marsh com auxílio de outro desenhista. O Almanaque tem 120 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R\$ 60,00**.

Sérgio lança também o número 1 da revista mensal “Tarzan”, depois de 25 anos que a Ebal lançou a última série do personagem. O primeiro número traz as HQs ‘O Safári Perdido’, ‘O Rapto da Jane’ e ‘O Perigo Malhado’, todas de Jesse Marsh. A revista tem 52 páginas em preto e branco e capa colorida. Preço: **R\$ 30,00**.

As edições produzidas por Sérgio Luiz Franque seguem o mesmo padrão da Ebal, formato magazine, com qualidade gráfica comparável às edições originais.



Os pedidos podem ser feitos para:

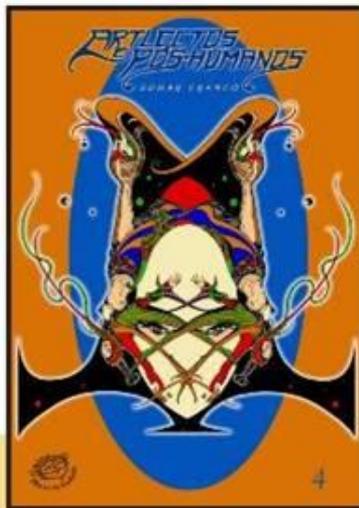
**Sérgio Luiz Franque – R. Cesar Brigato, 295 – Ribeirão Preto – SP – 14090-540.**

Outras informações no MercadoLivre em “Almanaques Raros”.

A revista de quadrinhos experimentais de Edgar Franco chega ao número 4 trazendo mais algumas histórias com seu inconfundível traço ilustrando seu peculiar universo ficcional. A obra de Edgar, tantas vezes reconhecida no campo da pesquisa acadêmica e da música eletrônica, agora tem o aval de um dos mais renomados prêmios dos quadrinhos nacionais, o Troféu Bigorna, atribuído por especialistas na área.



**Artlectos e Pos-Humanos 4**  
Edgar Franco  
Mar. 2010, 36p. 14x20cm. R\$6,00



[www.marcadefantasia.com](http://www.marcadefantasia.com)

PITECO



HIRO E ZE'



O ASTRONAUTA



BOA BOLA



Página de quadrinhos do jornal "Diário da Noite" do dia 15 de janeiro de 1964. Maurício de Sousa participa com quatro das nove tiras. As demais são 'Big Ben Bolt', 'Rip Kirby', 'Buz Sawyer', 'Jeff Hawke' e 'James Bond'.

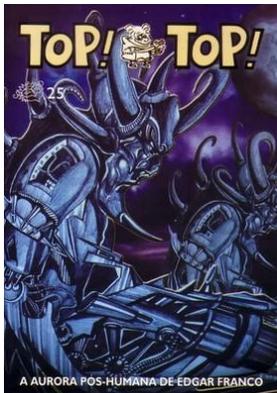
# FÓRUM

**EDGAR FRANCO**

Rua R. 19, quadra 18, lote 12 – Goiânia – GO – 74690-440

Estou aqui ansioso pela nova edição do “QI”! Que venha a nova fase! A revista alternativa “TOP! TOP!” nº 25 (Editora Marca de Fantasia, 2009), edição dedicada à minha obra e ao meu universo ficcional da “Aurora Pós-humana” – incluindo longa entrevista e reprodução de algumas de minhas HQs – foi selecionada para a competição oficial de publicações alternativas de quadrinhos do FESTIVAL INTERNACIONAL DE LA BANDE DESSINEE – ANGOULÊME 2010. O festival de quadrinhos francês é o mais importante da Europa e um dos mais importantes do mundo. Dentre as 45 edições alternativas do mundo todo selecionadas para a premiação ainda foram incluídas mais duas publicações nacionais do Coletivo Quarto Mundo, provando a força da HQ autoral brasileira. Abaixo incluo release da “TOP!TOP!” nº 25 escrito pelo Henrique Magalhães.

“Edgar Franco é figura conhecida no universo dos quadrinhos independentes brasileiros. Desde os anos 1980 vem publicando fanzines, revistas e álbuns onde mostra sua verve incomum não só na expressão gráfica, como em seu universo conceitual. Seu trabalho chegou a despertar a atenção do mercado, cujo álbum “BioCyberDrama”, de sua autoria em parceria com Mozart Couto, fora editado pela Opera Graphica. Doutor em Artes pela USP, atualmente Edgar é professor da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. No campo acadêmico, desenvolve pesquisas no que ele denominou de HQRônicas, fazendo a transposição dos quadrinhos para o meio eletrônico. O resultado de suas pesquisas encontra-se no livro “HQRônicas – do suporte papel à rede Internet”, editado pela Fapesp e Annablume. Com Marca de Fantasia, Edgar tem uma longa relação. Na década de 1990 foi um dos protagonistas da revista “Tyli-Tyli/Mandala”, dedicada aos quadrinhos poéticos. Lançou também álbuns como “Agartha” e “Elegia”. Agora retoma a revista “Artlectos e Pós-Humanos”, editada anteriormente pela SM Editora. Personalidade complexa, com atuação nos quadrinhos, na música eletrônica, na internet e no vídeo, Edgar relata seu fazer artístico numa entrevista conduzida por Michelle Ramos, autora do blog Zine Brasil. O fanzine traz ainda uma amostra do trabalho criativo de Edgar, com duas histórias em quadrinhos, cartum de Sergio Más, resenhas e cartas, mantendo sua fórmula original. (Henrique Magalhães).”



**HENRIQUE MAGALHÃES – Marca de Fantasia**

Av. Maria Elizabeth, 87/407 – João Pessoa – PB – 58045-180

Estive com Philippe Morin, editor do fanzine “PLG” (o mais importante da França) e organizador da categoria Fanzine no Festival de Angoulême. Deixei os exemplares do “Top! Top!” 26 com ele, para concorrer no próximo ano. Foi um excelente contato, inclusive com possibilidade de publicação de um livro dele. Vou retomar o trabalho editorial depois dessa pequena pausa pra respirar.

**ROBERTO SIMONI**

Av. Dr. Altino Arantes, 1300/24-F – São Paulo – SP – 04042-005

Não pretendo atrapalhar seus preparativos para o Carnaval, portanto serei breve. Recebi o esperado “QI” 101. Bom demais da conta. Gostei inclusive da capa, com os primos do Brucutu expressando sua justa revolta. O amigo entendeu oportuna a publicação de uma HQ estrangeira, por causa da importância do tema. Sendo exclusivamente leitor, limitei-me, mais uma vez, a apreciar a genialidade de Al Capp. O debate do assunto fica para os habituais frequentadores do ‘Fórum’, anos-luz mais competentes do que eu. Finalmente a dupla-dinâmica em livro... chegou “ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS”. Peço que me envie um exemplar.

**LEONARDO SANTANA – Bodega do Leo**

Av. Gov. Carlos Cavalcanti, 3037/304 – Olinda – PE – 53130-530

Recebi o “QI” 101 com muito orgulho. A capa com um monte de brucutus correndo atrás de um franzino Edgard suscita diversas interpretações. Gostei muito da história do Ferdinando e ela realmente levanta muitos questionamentos atualíssimos. Fiquei triste porque os autores não souberam aproveitar o espaço de divulgação para trabalhar suas revistas, mas isso só vem a corroborar uma triste constatação que já havia percebido: O “QI” tem mais força como um recenseador histórico dos fanzines nacionais do que propriamente como uma alavanca para vendas. Percebi isso desde a época que fazia propaganda na “QI” e pouquíssimas pessoas se interessavam em comprar. Acredito que o perfil atual do “QI” seja mais direcionado para colecionadores, historiadores e artistas que querem manter um diálogo inteligente e envolvente sobre temas relacionados com quadrinhos. Acho isso bom e ruim. Acho bom por que não consigo imaginar o “QI” sem a sua seção de edições independentes, mas acho ruim por que ela perde o seu papel principal que é o de facilitar vendas. Mas enfim, acho que isso é o preço da evolução. Acho que se as HQs (curtas dado o tamanho do “QI”) e as tiras ocuparem um espaço maior, isso possa trazer novos leitores e dar uma renovada e uma misturada legal inclusive no ‘Fórum’. É sempre bom ter novas opiniões e novos pontos de vista. Quanto a história que você está publicando no meio do fanzine, devo confessar que me perdi e que vou esperar terminar para ler toda de uma vez.

**JOSÉ SALLES – Editora Júpiter II**

C.P. 95 – Jaú – SP – 17201-970

Memoráveis os gibis da Welta e do Itabira, eu os adquiri com o próprio Emir, na primeira metade dos anos 1980, que alegria tê-los recuperado! E ontem foi mesmo um dia de grande nostalgia HQB para mim, além de sua carta com esses gibis, chegou também outro que eu havia encomendado, o nº 2 de “Karatem” de Edrel... vixe, eu não lembrava que era tão tosco. Deu pra identificar, só de folhear, decalques descarados dos artistas da Marvel, como John Romita (há um Jonah Jameson, só que careca), Gene Colan, Neal Adams, enfim, procurando com calma é fácil identificar outros. De qualquer forma, vou prosseguir na captura do número 1, não sei por quê, esses gibis me encantavam na juventude, talvez pelo uniforme do herói, que é bacana.

---

**GASPAR ELI SEVERINO**

R. João Voss Júnior, 66 – Brusque – SC – 88350-685

---

Excelente capa com o time de brucutus perseguindo o Edgard, suponho que representem as dificuldades de tudo quanto é ordem, no dia a dia, para elaborar o “QI”. Na Liquidação, sinto falta de oferta de gibis da Ebal, Rio Gráfica, Globo, acredito que é a escassez de gibis antigos, certo? O “QI” está ótimo, com novidades maravilhosas, Leonardo Santana e Carlos Brandino, Maurício de Souza e Ferdinando, me sinto um guri lendo tudo isso. Anexo seguem revistas “Sesinho” e a 65ª edição do “Almanaque Sado!”. Estes almanaques, distribuídos na rede de farmácias desde a década de 1920, continuam despertando o interesse de leitores de todas as idades. Considero interessante a diversidade do informativo contido neles, para uso prático do homem do campo e também da cidade, além de divertir com suas cartas de humor e charadas.

*Este “Almanaque Sado!” traz uma tira feita por Henri Schutze de Timbó, SC, que já colaborou com o “QI”.*

---

**ANITA COSTA PRADO – “Katita”**

C.P. 20020 – São Paulo – SP – 02720-970

---

O “QI” 101 me causou alívio; sempre que são anunciadas mudanças em algo que gosto, temo que não me agradem, mas o “QI” continua ótimo. Gostaria de saber como tem sido o interesse dos leitores e se você vê a possibilidade de ampliar o número de páginas. Meu único senão ao “QI” se refere aos anúncios, textos e HQs com letras muito pequenas. Dificulta a leitura. Fiz uma edição teste do gibi “O Preconceito é um Dragão” só com 15 exemplares e enviei para algumas pessoas avaliarem. A maioria sugeriu tiras maiores, como no gibi e álbuns anteriores, pois na edição teste tentamos maior redução.

*O número de páginas do “QI” está limitado a 28, incluindo as quatro centrais, pela questão do peso, que não deve ultrapassar 50g, para não cair na faixa seguinte do porte. Eu estou mantendo as letras reduzidas, embora eu mesmo já não consiga lê-las, para manter a quantidade de informação do fanzine. O aumento das letras implicaria em diminuição da quantidade de textos.*

---

**ANTÔNIO LUIZ LOPES – “Versos Livres”**

R. Francisco Antunes, 436 – Guarulhos – SP – 07040-010

---

Como sempre, o ‘Fórum’ é muito interessante, e seria muito legal ver essa seção mais ampliada, na internet. É um caso a se discutir dentre “os assuntos das vantagens e desvantagens da internet”, como você diz. Benjamin Peppe, sempre legal. Parabéns aos 30 anos do Fécum. O texto do Luilson resume, com otimismo, as dúvidas de todo mundo do meio alternativo.

---

**ANTONIO ARMANDO AMARO**

R. Haia, 185 – São Paulo – SP – 03734-130

---

Pois é, Edgard, a capa deste “QI” começa com os homens das cavernas correndo atrás de ti, olhe, pode me incluir num destes brucutus, não para te dar uma machadada, mas para te dar um puxão de orelhas! Eu, como todo gibizeiro que se preza da velha guarda gosto dos clássicos em quadrinhos americanos como Fantasma, Flash Gordon, Príncipe Valente, Jim das Selvas, Brucutu, Nick Holmes e, é claro, Ferdinando. Mas, caramba!, esses heróis já tiveram espaço até demais na mídia brasileira. Seis páginas para o Al Capp? E artistas como Flavio Colin, Edmundo Rodrigues, Ziraldo, Luis Sá, Jayme Cortez, Nico Rosso, Rodolfo Zalla, Eugenio Colonnese e outros artistas brasileiros. Quando têm uma página é muito. Também acho que era desnecessária outra página com o Maurício de Sousa, esse é por demais conhecido no Brasil e no exterior, esse não precisa ser lembrado, pois ele próprio se promove, certo? Este número valeu pelas cartas dos teus leitores, o espaço do Worney e pelas fantásticas capas da La Selva desenhadas pelo genial Jayme Cortez.

---

---

**ALEX SAMPAIO**

P. São Braz, conj.02, BLD, ap.03 – Salvador – BA – 40235-430

---

Grato pelo envio do “QI” 101, uma nova edição com poucas mudanças. Já sabia que você mudaria pouco, pois uma mudança radical poderia comprometer seu esforço de anos para conquistar esse seu público cativo. Percebi que a impressão direta do computador comprometeu a qualidade das imagens das capas dos fanzines. As letras até que ganharam uma boa nitidez, mas as imagens não estão completamente visíveis. Sugiro que os editores procurem uma maneira de melhorar suas cópias antes de enviarem a você os anúncios. Senti falta das capas dos fanzines anunciados na seção das Edições Independentes. Para nós, que já estávamos acostumados com esse modelo, ficou uma sensação de perda. Sobre as nossas edições independentes, creio que o melhor caminho é a segmentação no mercado. As mídias segmentadas são o canal de comunicação muito mais efetivo com o público interessado. Os consumidores de um modo geral estão cada vez mais dispostos a aceitar o custo que se paga, desde que o produto tenha qualidade e seja destinado ao gosto dele. É preciso cada vez mais buscar melhorar o nível das publicações em circulação para mantermos nossas edições em evidência. É com a qualidade das edições que atrairemos mais leitores. O importante é atingir o seu público e manter a periodicidade, pois quem não circula não no esquecimento. O editor deve estar ciente que fanzine não dá lucro, é bom ter capital para manter a publicação circulando, mesmo que deficitária, pelo menos por um bom período. Com isso, ganha-se credibilidade e conceito junto aos leitores. Os fanzines precisam mais de anúncios pagos do que de venda de edições. Se há conteúdo de qualidade e uma boa aceitação pelo público, a irrigação de verbas tem que vir de publicidade. Os fanzines precisam de verbas publicitárias para sobreviverem e as verbas somente são aplicadas em publicações que estão consolidadas em seus mercados.

---

**PAULO JOUBERT ALVES**

C.P. 108 – Belo Horizonte – MG – 30161-970

---

Fiquei decepcionado com o fato do pessoal não mandar muitas divulgações de fanzines com as capas reduzidas. Agora viram com quantos paus se faz uma jangada, não? Você fazia a redução das capas de todos os zines recebidos e agora poucos o fazem de apenas uma capa de cada trabalho próprio... Vamos ver como a coisa vai ficar nos próximos números, vamos dar o benefício da dúvida diante do imediatismo da mudança e do natural processo de readaptação.

Achei um comentário curioso sobre HQ num livro didático do ensino médio. Nele é citado que os quadrinhos se referiam à África com imagens fantasiosas e “racismo antinegro”. Para ilustrar, uma foto do Fantasma (branco) cercado em seu trono por pigmeus. Duas coisas me ocorreram. Primeiro, o autor nunca deve ter lido uma HQ do Pantera Negra da Marvel. Segundo, acho que houve um reflexo de um caso ocorrido na década de 1980, quando um livro de geografia do ensino fundamental citou que na África o principal meio de transporte seria “os cipós do Tarzan”, o que gerou tanta discussão e rebuliço, sendo até matéria de revista semanal (a “Óia”), semelhante à repercussão negativa que recentemente uma escolha inadequada de quadrinhos para estudantes de São Paulo causou.

*Infelizmente este comportamento de associar defeitos ou limitações (que existem) de obras específicas dos quadrinhos como se fossem inerentes à História em Quadrinhos como meio de comunicação ainda existe e frequentemente vem à tona. Sem dúvida, obras como Fantasma, Mandrake, Jim das Selvas traziam a visão que os americanos tinham na época de outros povos. Essa visão mudou nos meios de comunicação, mas nem tanto no pensamento da população. De qualquer forma, não são planos maquiavélicos de dominação cultural ou o que seja. Acho que é mais canalha a atitude do autor do livro, J. William Vesentini, de usar uma imagem do Fantasma que não foi feita por Ray Moore, Wilson McCoy ou Sy Barry, ou seja, não é uma imagem retirada diretamente da obra principal de Lee Falk, foi uma imagem feita por algum artista desconhecido para este fim específico.*

---

Por curiosidade, por favor explique a nova 'legenda' na etiqueta de endereçamento; na minha, veio escrito "Quitado até a10".

*O "Quitado até a10" significa "assinatura de 2010". Não achei necessário mudar o texto "Quitado até" no meu programa de mala direta.*

E acrescento um detalhe, que me levou a fazer o depósito na CEF mais uma vez: nas lotéricas, só são aceitos depósitos em dinheiro, e eu já tinha preparado o cheque...

Peço desculpas se o 'modelo' para a produção e distribuição de quadrinhos e outras obras pelos próprios autores, usando a tecnologia POD (Print On Demand), que hoje é economicamente viável (pelo menos nos EUA), e a internet, como forma de romper com o sistema de produção e distribuição de publicações criado ainda no século 18, elaborado pela Donna Barr (criadora do Desert Peach, Stinz, e outros), que lhe mandei em outubro, chegou aí ilegível. Em vez de tentar de novo, eis o 'link' para o blog onde o mesmo está:

<http://donnabarr.blogspot.com/2008/09/dumping-distributors-naked-peacock.html>

Só para explicar a terminologia, a publicação 'on-demand' envolve a impressão de exemplares físicos apenas quando há alguém demandando exemplar(es); não descarta a impressão de 'lotes' de livros em função da uma estimativa dessa demanda futura, mas certamente não a estimula. Quanto à viabilidade econômica do modelo no Brasil, realmente não tenho idéia dos custos envolvidos, aqui; nos EUA, a tecnologia já não é tão cara, e há várias editoras (ou 'editoras') que a usam, como a Lulu.com (voltada mais para publicações independentes) e a própria Amazon.com (a maior vendedora-distribuidora de livros do mundo!), através da CreateSpace (que é seu 'braço de POD' – aliás, hoje eles também usam uma tecnologia semelhante, tipo CD-R, para produzir e distribuir obras áudio-visuais que não tenham um 'mercado de massa'). Eis um link para o site da Lulu.com, onde eles expõem "como publicar seu livro": [http://www.lulu.com/en/help/wizard\\_tutorial](http://www.lulu.com/en/help/wizard_tutorial) Há também uma coluna à esquerda com FAQs sobre muitos assuntos, inclusive um que dá os seguintes parâmetros sobre custos:

Page cost: 2¢/page – Binding Fee: \$4

Commission: 20% of profit or 25% of revenue/royalty

Assim, um livro com 200 páginas em que o autor quer receber \$4 de 'revenue/royalty' teria um preço final (para o comprador) de \$13.50 (fora as despesas do envio pelo correio, desnecessárias se o comprador preferir fazer um 'download'). Se quiser ter uma idéia sobre o que eles vendem (livros, música, calendários etc.) e os preços, veja em: [http://www.lulu.com/en/buy/?cid=en\\_tab\\_buy](http://www.lulu.com/en/buy/?cid=en_tab_buy). Me parece que o interesse maior deste modelo é que ele PODE viabilizar a publicação de revistas e livros, mas sempre com ênfase na liberdade do criador dos mesmos – e, se ainda não corresponde à nossa realidade, é possível que, em breve, estejamos próximos de podermos aplicá-lo, se quisermos.

Em troca de mensagens com o César Silva, ele (que tem experiência no ramo) diz que POD ainda é muito pouco significativo aqui; mas imagino que, com o ritmo das mudanças tecnológicas de hoje, talvez isso mude logo, e talvez valha a pena pensar nesse assunto assim mesmo.

Acabei de ler um texto sobre POD (na LOCUS de Dez/09) que pode ser relevante:

"Espresso Expansion: The new version of the Espresso Book Machine – a point-of-sale Print-On-Demand device which can generate a book while you wait – sells for a mere \$75,000, compared to the first version's \$144,000 price tag. The lower price (and a new partnership with Google) has made the device more attractive to booksellers, who can also lease the machine for \$1,250 a month. While the machine is currently only available in about a dozen locations in the US, Canada, Australia, England, and Egypt, mostly university bookstores, the company expects to have 40 machines in place by mid-2010. Instant gratification could be coming soon to a bookstore near you."

*Acho que há duas coisas distintas sendo tratadas com o mesmo nome: "Impressão sob demanda". Estão relacionadas, mas não são a mesma coisa, e eu não sei a qual delas o termo POD se refere. Quando eu uso o termo Impressão sob demanda, estou me referindo à editora ou editor imprimir uma quantidade de exemplares efetivamente encomendados (de preferência, já pagos). Eu fiz isso de 1993 a 2000 com o termo Impressão sob demanda, usando a impressão xerográfica. Um número incontável de antologias é feito no Brasil pelo sistema cooperado: os autores pagam um valor correspondente ao número de páginas que ocupará no livro e este é impresso (normalmente em off-set) com tiragem certa para distribuição apenas entre os autores. Já participei de dois livros históricos feitos em Brazópolis neste sistema. Um deles foi planejado para uma tiragem de 500 exemplares em off-set e precisou vender antecipadamente 300 exemplares para cobrir os custos gráficos. Foi feito um mutirão para a venda do livro e cerca de 300 pessoas fizeram a compra antecipada, antes da impressão. O outro livro foi feito em xerografia. Houve uma tiragem inicial de 20 exemplares para doação a entidades culturais e bibliotecas e foi feita uma cerimônia de lançamento dessa tiragem inicial, com a entrega dos exemplares às entidades. O convite para o lançamento foi feito a toda a população e os presentes interessados puderam encomendar o exemplar a ser impresso. Já foram feitas 4 impressões totalizando 200 exemplares. Este procedimento de impressão sob demanda é largamente usado no Brasil. Lembro ainda Eno Teodoro Wanke, talvez o maior usuário desse sistema, com o qual publicou uma meia centena de seus livros. Já o último parágrafo de sua carta se refere a outra coisa. Aí a impressão sob demanda é vista sob o ponto de vista da livraria. A livraria não teria mais exemplares físicos do livro e sim uma grande impressora e os arquivos digitais dos livros disponíveis. O comprador entra na livraria, escolhe o livro que quer (talvez consultando um banco de dados informatizado), paga e espera uns minutos o livro ser impresso e encadernado. É este tipo de máquina que o texto comemora que já está custando apenas 75 mil dólares. A parceria com o Google, mencionada, me pareceu um equívoco. O Google tem colocado à disposição de qualquer pessoa um imenso catálogo de obras livres de pagamento de direito autoral, incluindo não somente as que estão em domínio público, mas também obras em que os autores abram mão de seu direito. Estas obras podem ser baixadas por qualquer um e não creio que os livreiros sejam impedidos de fazer isso. Portanto, as livrarias com a máquina publicadora teriam acesso a todo o acervo do Google. Além disso, é claro, os livros que não são livres seriam negociados entre as livrarias e as editoras, que receberiam o pagamento por livro impresso. Este sistema, que também é uma Impressão sob demanda, necessita de uma infraestrutura e um investimento bem maior, não sei se existe alguma livraria trabalhando desse modo no Brasil.*

---

#### KENZO FUJIMOTO

C.P. 339 – Campo Grande – MS – 79002-970

---

Fiquei surpreso ao constatar que você decidiu continuar com a numeração normal, quando eu imaginava que você iria reiniciá-la com a nova fase. Fico contente com esse prosseguimento e torcendo para que chegue ao 200 com muita força. A capa está hilária, você correndo de um exército de Brucutus, com a roupa do negrinho do "Gibi Mensal" e braços e pernas do Zero. Imagino que esse exército sejamos nós, seus leitores, tentando convencê-lo a continuar com o "QI". Segue um exemplar de "Kiai", o nº 1 de 1979, inteiramente desenhada pelo mestre Shimamoto. Não chega a ser uma antiguidade, mas não deixa de ter um grande valor documental, sendo um trabalho de um dos últimos mestres do quadrinho nacional da fase áurea.

*A revista "Kiai" teve quatro números e sempre a considerei uma das melhores revistas nacionais já lançadas.*

Recebi com alegria renovada a nova edição do “QI”, o emblemático número 101 começa marcante com sua capa hilária e metafórica. Como todos percebem, as capas do “QI” são um capítulo à parte na história da publicação, sempre muito criativas e trazendo o seu poder de síntese gráfica. Parabéns! Em minha opinião a impressão do zine ficou até melhor, as letras miúdas mais nítidas e os chapados das HQs mais escuros. Na estrutura geral a publicação continua com as seções já consagradas. Achei interessante o resgate de Ferdinando, sugiro fazer o mesmo com alguns personagens brasileiros das primeiras décadas do século XX, talvez algo de Agostini. Enfim, a nova fase está com a força da anterior, espero e desejo que seja ainda mais longa! Ah, fiquei lisongeado e feliz com a publicação de meu relato sobre a cerimônia de premiação do Troféu Bigorna 2009 nesse número que marca o início da nova fase do “QI”. MUITO OBRIGADO!

Bem, como muitos leitores na seção de cartas apresentam questões e depoimentos relacionados ao incentivo à leitura/produção de HQs, gostaria de fazer um breve relato de minha atuação na área de quadrinhos desde minha chegada à Faculdade de Artes Visuais da UFG – Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, há cerca de 2 anos. Tenho incitado e incentivado pesquisas e projetos nessa área e inclusive criei o texto e também a estrutura da disciplina “História em Quadrinhos de Autor” que faz parte agora da grade do curso de “Licenciatura em Artes Visuais – Modalidade EaD da Faculdade de Artes Visuais da UFG”. Fui o coordenador da disciplina no semestre passado e vivi uma experiência maravilhosa, pois tive a chance – juntamente com uma equipe de 9 orientadores de pólo – de apresentar o universo das HQs de autor para cerca de 300 alunos espalhados por 9 cidades do interior goiano. O curso envolveu também a criação de quadrinhos visando habilitar esses alunos – futuros professores da rede de ensino pública do estado – a utilizar os quadrinhos como material didático e também como linguagem artística criativa e única. Muitos desses alunos tinham um mínimo contato com as HQs e ficaram encantados ao descobrirem como os quadrinhos são uma forma de expressão tão rica e variada como o cinema e o vídeo. O mais importante é o fato de que esses alunos irão suprir a demanda de professores de artes para o ensino público no estado de Goiás e servirão como multiplicadores da importância e singularidade da linguagem das HQs entre milhares de estudantes. A disciplina foi incorporada à grade do curso e agora teremos mais 10 pólos de ensino à distância, somando 19 cidades do interior goiano, com mais de 600 alunos tendo em seu currículo uma disciplina de “Histórias em Quadrinhos de Autor”. Também ministrei disciplina com o mesmo título como núcleo livre do curso presencial de Design Gráfico da FAV/UFG. A disciplina com 20 vagas teve a concorrência recorde de 72 alunos de diversos cursos de graduação da UFG, o que denota o interesse geral pela pesquisa e criação de quadrinhos no âmbito universitário. Outra atuação minha aqui é como professor permanente do Programa de Mestrado em Cultura Visual da FAV/UFG. Na recente seleção para o mestrado tivemos vários projetos na área de quadrinhos e estou agora com dois orientandos pesquisando HQs trônicas e um terceiro pesquisando a ficção científica nos quadrinhos. Todas as pesquisas envolvem também a dimensão poética, a criação aliada à investigação teórica, já que minhas orientações estão concentradas na linha de pesquisa ‘Poéticas Visuais e Processos de Criação’. No momento estamos pleiteando a criação de nosso programa de doutorado e incluí no projeto uma disciplina de “Histórias em Quadrinhos de Autor”, ou seja, em breve abriremos espaço também para pesquisadores de doutorado desenvolverem suas teses sobre quadrinhos. Convido os interessados a saberem mais sobre nosso programa de mestrado a visitarem nosso site em: <http://www.fav.ufg.br/culturavisual/>

Espero que este novo formato também tenha vida longa e se tirarmos por base esta edição, com certeza terá. Um “QI” com mais HQs e com as boas matérias do formato antigo. Só senti falta do ‘Entendendo a Linguagem das HQs’. Mas, já, já, te mando o depósito para adquirir o livro que deve estar muito massa.

## EDYR SOUZA CARVALHO

Av. Pernambuco, 2755 – Porto Alegre – RS – 90240-005

Leio os gibis desde o ano de 1938. Na época, como até hoje, as preferências eram Mandrake, Fantasma, Brucutu, Ferdinando e o resto era o resto, nesse resto incluindo Flash Gordon, Príncipe Valente, Spirit e Tarzan. Por isso, vibrei quando você reproduziu o Li'l Abner, que já víramos no “Gibi 40 números”. Mas crítica feroz ao sistema capitalista dos norte-americanos? Não. Feroz mesmo foi a história ‘Os Shmoos’ do mesmo Al Capp. Genial.

*A crítica nessa HQ do Ferdinando foi à lei americana de direito autoral que privilegia empresas em vez de autores. Veja aí os herdeiros de Jerry Siegel e Jack Kirby tentando reaver os direitos de personagens como Superman e heróis Marvel.*

## QUADRINHOS INSTITUCIONAIS

Paulo Joubert enviou o folheto “Brasil Unido contra a Dengue” do Ministério da Saúde, folheto das lentes Opto e “Jornal do Postalis” com anúncio usando balão. José Salles enviou revista da loja de brinquedos Ri Happy com HQs e divertimentos, revista em quadrinhos com propaganda de Geraldo Aleckim e revista com a Turma da Mônica sobre o Rodoanel do Governo de São Paulo. Alex Sampaio enviou a revista em quadrinhos “Família Simples” feita pelo Consórcio Volkswagen. Gaspar Eli Severino enviou o n° 95 e uma edição especial da revista “Sesinho” produzidas pelo Sesi.



# MANTENDO CONTATO



ESPAÇO DE PALPITOLOGIA DE WORNEY ALMEIDA DE SOUZA (WAZ)

## A VOLTA DA BOA CONVERSA

Quando Edgard Guimarães resolveu reestruturar o “QI”, surgiu a oportunidade de voltar a publicar a coluna ‘Mantendo Contato’. Nessa nova fase vamos continuar divulgando o quadrinho nacional, só que uma maneira diferente. Pretendo apresentar para os leitores os produtores do quadrinho nacional, que por ventura não sejam muito conhecidos. E como a memória nunca foi muito cultuada, muitos produtores desapareceram sem o devido reconhecimento. O primeiro dessa série é Milton Sardella. Para completar a coluna uma notícia muito curiosa sobre o Tio Patinhas.

Worney Almeida de Souza

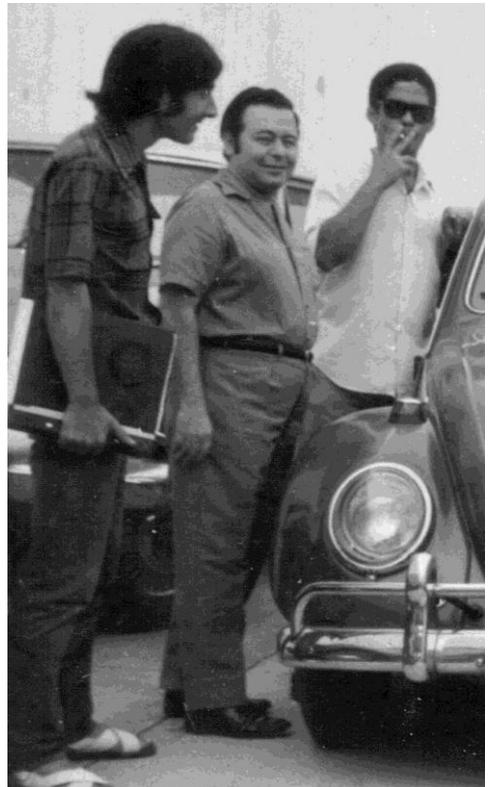
## MILTON SARDELLA

Milton Sardella era carioca e trabalhou, como funcionário, boa parte de sua vida na Rio Gráfica Editora – RGE (antecessora da editora Globo). Letrista, arte-finalista e ilustrador, fazia parte da equipe de Walmir Amaral e deve ter entrado na empresa no meio da década de 1950. Discreto, produtivo e bom amigo, Sardella era um operário do traço e não parece ter desenvolvido personagens ou HQs de autoria individual. Chegou a desenhar uma edição inteira da revista “Mandrake” 170 (11/1970): capa, HQ ‘Mandrake em Os Avisos Sinistros’ (roteiro de Ivany Casale) e as ilustrações do conto ‘Contrato com um Gangster’. Certamente, além das HQs do Cavaleiro Fantasma, Sardella deve ter publicado uma boa quantidade de letras, arte-finais e ilustrações. No tempo em que a RGE publicava muitas revistas, não deveria faltar trabalho de produção para ele.

Reunimos depoimentos de quatro contemporâneos de Sardella, além de uma rara foto e algumas páginas para mostrar um pouco da arte e da vida de Milton Sardella. Um competente artista de estúdio.

### Depoimento de WALMIR AMARAL

“Vou tentar lembrar o máximo do saudoso Milton Sardella. Em 1957 entrei para a Rio Gráfica (Globo Juvenil), mais tarde Editora Globo. Sardella já estava trabalhando, fazendo letrinhas dos balões (quadrinhos), desenhava algumas capas e pequenas ilustrações. Um cara muito inteligente, sério, calado, muito na dele e amigo de todos. Na época os desenhistas da editora eram os famosos (hoje) Getúlio Delphin, Gutemberg (Gut), Flávio Colín, Benício, Edmundo Rodrigues e outros, que não foram longe como desenhistas de quadrinhos. Trabalhei por muito tempo com o Sardella nos quadrinhos; mais tarde, como tinha muito trabalho dentro da Rio Gráfica (Globo) e também foram aparecendo muitos desenhos para outras editoras e para alguns livros didáticos, ele começou a me ajudar, tanto nos desenhos como também letreirando as páginas. Em 1986 me tornei diretor de arte do Centro de Criações da editora; neste centro, com os mesmos desenhistas, fazíamos trabalhos para embalagens, álbuns de figurinhas, desenhos para armar, pequenas vinhetas de propagandas para miolo das revistas etc. E também tínhamos a equipe do Fantasma, que era composta por Milton Sardella, Aduino Silva e Wanderley Mayê, todos trabalhando nos esboços, arte-final, letras, títulos e capas.”



Da esquerda para a direita: o ilustrador Lino Rodrigues de Vasconcelos, Milton Sardella e o letrista José Raimundo, na Rio Gráfica Editora, década de 1960 (foto de Primaggio)

“Nesta mesma época conheci a família do Sardella (como novas amizades), ele foi morar no mesmo bairro que eu moro (na Ilha do Governador), eles tinham um casal de filhos e a minha esposa fez uma grande amizade com a esposa dele, mas eles não ficaram muito tempo na Ilha e logo depois se mudaram para o bairro de Pilares. Ele era um cara muito caseiro e muito honesto. Foi nesta época que ele começou a ter problemas de saúde, passou mal na sala de desenho, nós o levamos para um hospital que tinha convênio com o nosso plano de saúde; ele ficou um mês internado mas logo depois se recuperou e voltou ao trabalho. Infelizmente, logo depois a editora se mudou para São Paulo (1986) e a seção de desenho foi desfeita. Como o Sardella era optante (Fundo de Garantia) foi mandado embora, eu fiquei mais um ano, porque eu não era optante e eles não poderiam me despedir, a não ser com um acordo, e foi o que eu fiz. Voltei a trabalhar em uma nova editora de livros (CCAA – Curso de Inglês e Espanhol) e o meu contato com o Sardella ficou quase nada; a minha esposa e a esposa dele ainda ficaram se falando por algum tempo por telefone. Como eu saía muito cedo e voltava muito tarde, só fiquei sabendo do falecimento dele por telefone. Soube que ele havia ficado doente outra vez (teve uma recaída) e desta vez foi mais sério que na primeira internação; e que ele quase não saía de casa, e infelizmente aconteceu o óbito. Mas uma coisa eu posso falar: ele era um amigo verdadeiro, inteligente e muito honesto nas coisas que fazia; um bom profissional que foi pouco reconhecido pelos seus trabalhos. Bem, isso é o que posso falar do amigo que deixou saudades, para todos os seus colegas de profissão.”



“Mandrake Edição Extra” (RGE) – capa de Sardella

#### Depoimento de PRIMAGGIO MANTOVI

“A principal função de Milton Sardella, na RGE, era escrever as letras nos balões, mas entre um letreiramento e outro, arte-finalizava Cavaleiro Fantasma, desenhado pelo Wlamir e, às vezes, produzia suas próprias histórias (desenho, letras e arte-final), geralmente do mesmo personagem. No final dos anos 1960, Sardella realizou uma história do Recruta Zero.”

#### Depoimento de ADAUTO SILVA

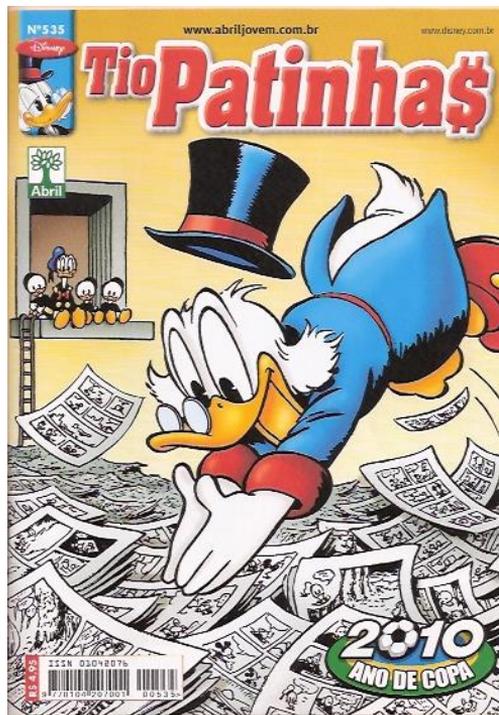
“Não sei se posso dizer muita coisa sobre Sardella. Era um amigo muito bom. Gente finíssima. Trabalhei com ele na RGE e ele também fazia as letrinhas e títulos de muitas revistas e nisso era muito criativo. Quando trabalhei na equipe do Fantasma, ele fazia essa parte nas HQs, e muito bem. Sei que trabalhou para editoras paulistas, antes de eu conhecê-lo, e também fez HQ para a revista “Zorro” (da EBAL), quando esta precisou de material de reposição. Toda vez que Walmir precisava de letrista, chamava Sardella. Era um bom amigo, bom desenhista e ótimo letrista.”

#### Depoimento de GETÚLIO DELPHIN

“Só posso dizer que o Sardella era muito boa gente.”

## TIO PATINHAS E A METALINGUAGEM

O universo Disney tem muitos autores, conceitos, personagens, ambientes e argumentos, mas sempre preservou a coerência da fantasia, ou seja, os personagens são seres de um mundo inventado e a interação com o mundo real não faz parte da dinâmica do mundo de Patópolis. A metalinguagem (quando os personagens de uma história interagem com o leitor ou descortinam sua situação de personagens de ficção) é um recurso muito raro (creio que até inexistente) nas HQs das revistas Disney. Mesmo com vários produtores diferentes, em várias partes do mundo, as histórias mantêm o enlaço fantástico. Mas para a surpresa geral um italiano quebrou a regra: a capa da edição 535 da revista “Tio Patinhas” (editora Abril, fevereiro de 2010) tem uma impressionante ilustração original do italiano Marco Rota. Nela o sovina mergulha num mar de páginas de histórias em quadrinhos da família Disney (Pato e Mickey), dentro de sua caixa forte, observado por Donald e os três sobrinhos. Publicada originalmente em maio de 2005, na revista italiana “I Maestri Disney” 30 (informação de Paulo Maffia). Realmente um exemplo raro e digno de atenção.



# Memória do Fanzine Brasileiro

## Depoimento do Editor

# LUIZ ANTÔNIO SAMPAIO

Se minha memória não me trair, foi em março de 1978 que preparei o nº 1 do "Opar Boletim", um fanzine feito naquela monstruosa e horrorosa máquina a que chamávamos mimeógrafo a álcool. Tudo muito primitivo, reprodução extremamente sofrível, nada de ilustração. Um pesadelo, uma decepção. Mas era o mimeógrafo a álcool o que havia a nossa disposição na época. A xerox ainda estava engatinhando por aqui. naqueles dias eu importava material americano e europeu de quadrinhos para revender, e fazia catálogos dessas publicações (também no mimeógrafo). Decidi criar então um fanzine que seria enviado gratuitamente aos colecionadores que recebiam os meus catálogos. O fanzine e o catálogo eram enviados juntos.



Edições especiais de "Opar Boletim" (julho e novembro de 1979)  
Este último número, no entanto, não foi a minha primeira tentativa de fazer o "Opar Boletim" em xerox. Em julho de 1979 eu fizera um número especial comentando a revista "Tarzan" nos Estados Unidos e no Brasil. Reprodução em xerox, mas muito falha ainda. Em novembro do mesmo ano, outra edição especial, dessa vez abordando as garotas das selvas (Sheena, Tiger Girl, Nyoka etc.). Também em xerox. E também reproduções com as mesmas falhas.

Após outubro de 1980, não mais pensei em fazer fanzine. Engano meu.

Vinte anos mais tarde, em novembro de 2000, retornei aos fanzines com a "Gazeta dos Quadrinhos". Só que agora o terrível mimeógrafo, pesadelo de duas décadas atrás, estava totalmente esquecido, morto e enterrado. As máquinas de xerox já se mostravam quase tão perfeitas como uma impressora, portanto os recursos eram infinitamente superiores. A "Gazeta dos Quadrinhos" surgiu como uma tentativa de republicar, de forma correta e integral, as velhas tiras diárias e páginas dominicais, material que já estava esquecido entre os editores profissionais no Brasil. A "Gazeta dos Quadrinhos" circula duas ou três vezes por mês sempre com histórias seriadas. A "Gazeta dos Quadrinhos Mensal", iniciada em janeiro de 2001, por sua vez, só traz episódios completos em cada número. E a "Gazeta dos Quadrinhos Especial", que circula de vez em quando, também só apresenta histórias completas.

Minha inspiração para criar a "Gazeta dos Quadrinhos" foi um excelente tabloide semanal americano chamado "The Menomonee Falls Gazette", só que este era totalmente profissional.

Números 2 (abril de 1978) e 15 (outubro de 1980) de "Opar Boletim"

Assim nasceu o "Opar Boletim". O nome Opar foi obviamente tirada da cidade perdida criada por Edgar Rice Burroughs em "Tarzan". Eu procurava colocar no fanzine comentários e notícias sobre as histórias em quadrinhos. Fiz também uma tentativa de apresentar uma história de todos os westerns que apareceram nos quadrinhos. Uma tentativa que se prolongou por quase todos os números do fanzine, mas que não chegou ao seu final, pois o fanzine morreu bem antes do final da história. O "Opar Boletim" circulou até o nº 15 (outubro de 1980), quando começou a ser apresentado em xerox. Mas tudo terminou aí. Por que não continuei? Não sei, não me lembro.



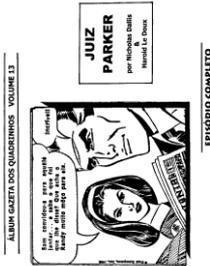
Número 1 de "Gazeta dos Quadrinhos" (novembro de 2000) e número 1 de "Gazeta dos Quadrinhos Mensal" (janeiro de 2001)

Até o momento dessas linhas, as três séries da "Gazeta" continuam circulando sem sinais de enfraquecimento. No entanto, só o futuro poderá dizer até quando a "Gazeta" sobreviverá. De qualquer forma, ela será meu último fanzine.

De todos esses fanzines que fiz há cerca de 30 anos, não tenho mais nenhum exemplar, nem mesmo para meu próprio arquivo. A única exceção foi um "Opar Boletim Especial" de que eu tinha um exemplar perdido e esquecido no fundo de um baú.

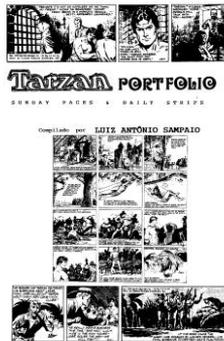
## INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A “Gazeta dos Quadrinhos” circulou até o nº 200 (novembro de 2008), a “Gazeta dos Quadrinhos Mensal”, até o nº 100 (abril de 2009) e a “Gazeta dos Quadrinhos Especial” teve seu oitavo e último número publicado no inverno de 2004. A principal razão para o fim dessas séries é que Luiz Antônio Sampaio já havia publicado quase tudo que possuía de quadrinhos clássicos disponível em português. Chegou a publicar alguma coisa em espanhol e italiano, pela importância ou raridade do material, mas isso já fugia um pouco dos objetivos dos fanzines. Assim como fugia também a publicação de HQs em inglês, o que não falta no arquivo de Sampaio, e que daria para produzir várias centenas de edições. Durante o ano de 2005, Luiz Antônio ainda lançou 13 edições de uma nova série da Gazeta, intitulada “Álbum Gazeta dos Quadrinhos”.



Número 1 de “Gazeta dos Quadrinhos Especial” (dezembro de 2000) e número 13 de “Álbum Gazeta dos Quadrinhos (dezembro de 2005)

Antes de começar a publicar as séries da “Gazeta”, Luiz Antônio Sampaio editou dois livros independentes memoráveis sobre Tarzan, ambos com impressão em xerografia. O primeiro, “Tarzan – O Mito Desenhado”, é um estudo detalhado sobre as adaptações de Tarzan para os quadrinhos, desde as pranchas dominicais feitas por Foster em 1929, as várias tiras diárias para jornais, até as várias séries de revistas publicadas por várias editoras. Tudo fartamente documentado e ilustrado. O segundo, “Tarzan Portfolio”, como o nome diz, é uma seleção de ilustrações de Tarzan feitas pelos maiores artistas que passaram pelo personagem, desde Foster, passando por Hogarth, Jesse Marsh, Russ Manning, Joe Kubert, Bob Lewis, entre outros.



“Tarzan – O Mito Desenhado” (novembro de 1998) e “Tarzan Portfolio” (dezembro de 1998)

Entre o início da década de 1980 e o início da de 1990, durante cerca de 10 anos, Luiz Antônio Sampaio colaborou com textos sobre quadrinhos para as revistas da Editora D-Arte. Estreou a coluna ‘Quadrinhos pelo Mundo’, inicialmente de 1 página, no nº 16 da revista “Calafrio”. A coluna saiu em todos os números da revista até seu cancelamento no nº 52, num total de 47 páginas. A revista “Calafrio” (e um número de “Calafrio Especial”) também publicou outros artigos mais elaborados de Sampaio, com número de páginas variando entre duas e seis, especialmente biografias de autores, num total de 41 páginas, e artigos sobre editoras, personagens etc. num total de 50 páginas. Na outra revista da Editora D-Arte, “Mestres do Terror”, Sampaio começou a publicar a coluna ‘As Grandes Obras em Quadrinhos’ no nº 24, inicialmente com 1 página, mas chegando a ter até 4 páginas, em praticamente todos os números até o cancelamento da revista no nº 62. Foram no total 225 páginas de informações sobre quadrinhos. Algumas vezes Sampaio foi incentivado a reunir todas essas páginas, já compostas, num fanzine especial, mas julgou que havia muitas falhas nos textos e seria muito trabalho revisá-los.



Página inicial da coluna ‘Quadrinhos pelo Mundo’.

Segundo informações veiculadas por João Antônio Bühner de Almeida, Luiz Antônio Sampaio, juntamente com Rolf de Luna Fonseca, organizou em Campinas, em abril de 1970, a exposição ‘Linguagem e Evolução das Histórias em Quadrinhos’. Esta exposição contou com palestras de Álvaro de Moya e Décio Pignatari, exibiu originais de Burne Hogarth e Lee Falk, além de reproduções de revistas, álbuns e livros, e aconteceu antes do famoso ‘I Congresso Internacional de Histórias em Quadrinhos’ realizado no MASP em novembro de 1970.



Capa do catálogo da exposição sobre quadrinhos realizada em Campinas, em abril de 1970

# EDIÇÕES INDEPENDENTES

**BENJAMIN PEPPE**



**BENJAMIN PEPPE nº 2**

HQs com Benjamin Peppe feitas por Shimamoto, Sapão, Alves, Chagas Lima, Edson Gonçalo, Dola, Aline Leal, Paulo Joubert, Laérçon, ilustrações, divulgação de outros fanzines, textos etc. – **R\$ 3,00**  
**Paulo Miguel dos Anjos** – R. Kiel, 55 ap. 13-D – São Paulo – SP – 02512-050.

**ICFIRE**



**ICFIRE - 61**

A primeira edição de 2010 vem com um supercrossover entre Icfire de Chagas Lima e Vertigem do Tony Machado, do grupo Comicstation, com arte de Chagas Lima. Cartas. Ilustrações de Assis Lima, Edson Gonçalo e Tony Machado. 40 Pág. A5. Capa Color. R\$ 6,00, ou selos, ou troca. Jan/2010. Mensal. **Chagas Lima**. R. Mirian Coeli, 1737, Lagoa Nova, Natal/RN, 59054-440.

**2veis**  
**ARTICULAÇÕES**

ACESSE: [www.2veis1.blogspot.com](http://www.2veis1.blogspot.com)

ARTE CONTEMPORÂNEA

**ICFIRE ACTION**



**ICFIRE ACTION - 01**

Nesta edição de estreia, duas histórias de Icfire. Uma escrita e desenhada por Assis Lima e a outra por Arruda pai e filho. O maior ícone do Universo Clima em nova revista. Inicie aqui uma nova coleção. 16 Pág. A5. Capa Color. R\$ 3,00 ou troca. Abr/2010. Aperiódico. **Chagas Lima** R. Mirian Coeli, 1737, Lagoa Nova, Natal/RN, 59054-440.



O espetacular Homem- Caveira Edição nº1 em estilo mangá - fev/2010 -28 págs- A5- R\$ 3,00  
 Capa colorida, miolo PB  
**Zilson Costa**  
 Av.12 qda113 n°33 Maiobão  
 Paço do Lumiar-Ma 65130-000  
[byzeck@bol.com.br](mailto:byzeck@bol.com.br)



**PERSONAGENS DOS GIBIS ESPECIAL**  
 n.4

**O VIGILANTE RODOVIÁRIO**

28 páginas formato 1/2 A4, capa colorida cartonada, 28 páginas reapresentando duas HQs com o famoso personagens do seriado televisivo. Arte de Flávio Colin e Osvaldo Talo. R\$ 10,00 (dez reais) para cobrir despesas de impressão (laser) e postagem. A/c José Salles Caixa Postal 95 Jau/SP CEP: 17201-970 [smeditora@yahoo.com.br](mailto:smeditora@yahoo.com.br)

**FORÇA ZINE Nº8**

JÁ ESTA DISPONIVEL O FORÇA ZINE Nº8, ESCREVA PARA  
 RUA ANTÔNIO RIBEIRO DA SILVA,  
 145, MARÍLIA/SP, CEP 17 527 561  
 ENVIANDO 1 REAL OU SELOS E  
 RECEBA UM EXEMPLAR!!



**FANZINE DO GRUPO**

**QUADRANTE** nº3

O ZINE QUE REGISTRA OS EVENTOS E BASTIDORES DESTA TURMA DE FANZINEIROS E QUADRINHISTAS!

**CONTATO: [TCHEDENILSON@GMAIL.COM](mailto:TCHEDENILSON@GMAIL.COM)**

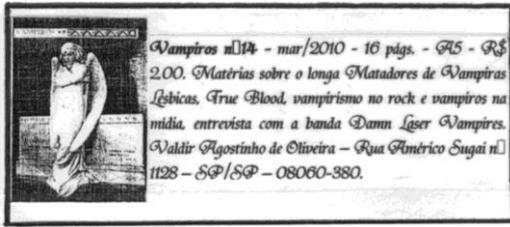


**KHNEIRA TIRINHAS 08**

**[KHNEIRA@GMAIL.COM](mailto:KHNEIRA@GMAIL.COM)**  
**MARCELO D. AMORIM DOLA**  
 RUA ANAPURUS, 32 CS:01  
 SÃO GABRIEL  
 BH/MG - 31980-210



**Vampiros n113** - fev/2010 - 16 págs. - A5 - R\$ 2,00. Divulgação de textos, contos, poemas, crônicas, reportagens e ilustrações, música, cinema, hq's. **Valdir Agostinho de Oliveira** - Rua Americo Sugai n.1128 - São Paulo - SP - 08060-380.



---

## QUADRINHOS

---

**ALMANAQUE DE TARZAN 1952** \* mar/2009 \* 120 págs. \* 180x270mm \* capa color. \* R\$ 60,00 \* **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

**ARQUIVO** \* n.º 28 \* jun/2009 \* 20 págs. \* A5 \* R\$ 2,00 \* **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

**BENJAMIN PEPPE** \* n.º 2 \* jan/2010 \* 32 págs. \* A5 \* R\$ 3,00 \* **Paulo Miguel dos Anjos** - R. Kiel, 55/13-D - São Paulo - SP - 02512-050.

**BILLY THE KID** \* n.º 11 \* jan/2010 \* 52 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 6,00 \* **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

**BOCA DO INFERNO** \* n.º 5 \* jan/2010 \* 32 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**CAFÉ ESPACIAL** \* n.º 6 \* mar/2010 \* 60 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 6,00 \* **Sérgio Chaves** - C.P. 12 - Vera Cruz - SP - 17560-970.

**CAMIÑO DI RATO** \* n.º 3 \* fev/2010 \* 48 págs. \* A4 \* capa color. \* R\$ 6,00 \* **Rosemário Souza** - C. P. 4537 - Uberlândia - MG - 38408-071.

**CAPITÃO MACNAMARA** \* n.º 2 \* fev/2010 \* 36 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**CARTUM** \* n.º 51 \* mar/2010 \* 28 págs. \* A5 \* color. \* **Aldo Maes dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

**CLUBE DA VOADORA** \* n.º 1 \* dez/2009 \* 28 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **Hugo Nanni** - contato@hugonanni.com.br.

**O ESPETACULAR HOMEM-CAVEIRA** \* n.º 1 \* fev/2010 \* 28 págs. \* A5 \* R\$ 3,00 \* **Zilson da Costa** - Av. 12, Qd. 113, n.º 33 - Maiobão - Paço do Lumiar - MA - 65137-000.

**HECTOR & AFONSO** \* jan/2010 \* 134 págs. \* 150x55mm \* capa color. \* R\$ 9,00 \* **Estevão Ribeiro** - R. Prof. Lílaim Lemos Mercadete, 58 - Fonseca - Niterói - RJ - 24130-430.

**ICFIRE** \* n.º 61 \* jan/2010 \* 40 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 6,00 \* **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

**ICFIRE ACTION** \* n.º 1 \* abr/2010 \* 16 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 3,00 \* **Chagas Lima** - R. Miriam Coeli, 1737 - Lagoa Nova - Natal - RN - 59054-440.

**INFORMATIVO QUARTO MUNDO** \* n.º 3 \* ago/2009 \* 8 págs. \* 160x280mm \* **Daniel Esteves** - Praça Barão de Macaúbas, 96 - V. Formosa - São Paulo - SP - 03357-040.

**JORNAL GRAPHIQ** \* n.º 38 \* fev/2009 \* 16 págs. \* 280x320mm \* R\$ 2,00 \* **Mário Latino** - C.P. 213 - Suzano - SP - 08675-970.

**22 • QI**

**KHNEIRA TIRINHAS** \* n.º 8 \* mar/2010 \* 8 págs. \* A6 \* **Marcelo D. Amorim** - R. Anapurus, 32, cs.01 - São Gabriel - Belo Horizonte - MG - 31980-210.

**LEITOR VIP** \* n.º 6 \* mar/2010 \* 16 págs. \* A5 \* **Aldo dos Anjos** - R. Nova Trento, 758 - Azambuja - Brusque - SC - 88353-401.

**A MARMOTA** \* n.º 6 \* mar/2010 \* 1 págs. \* A4 \* **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

**MOCINHOS & BANDIDOS** \* n.º 93 \* mar/2010 \* 44 págs. \* A4 \* capa color. \* R\$ 35,00 (ass. 4 n.ºs) \* **Diamantino da Silva** - R. Prof. José Horacio M. Teixeira, 538, B.4, ap.54 - São Paulo - SP - 05640-903.

**O.Q DE QUADRINHOS** \* n.º 2 \* nov/2009 \* 36 págs. \* 170x260mm \* capa color. \* **Jimmy Rus** - revistaoq@yahoo.com.br.

**PERSONAGENS DOS GIBIS ESPECIAL** \* n.º 4 \* fev/2010 \* 32 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 10,00 \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**PORTAL ZINE** \* n.º 72 \* mar/2010 \* 102 págs. \* A4 \* color. \* R\$ 40,00 \* **José Pinto de Queiroz Fº** - R. Wanderley Pinho, 243/1003 - Salvador - BA - 41815-270.

**SIDERALMAN** \* n.º 3 \* out/2009 \* 24 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **Will** - R. Domingos Guedes Cabral, 332/07 - São Paulo - SP - 02422-190.

**SUBTERRÂNEO** \* n.º 34 \* mar/2010 \* 8 págs. \* A6 \* **Marcos Venceslau** - Av. Ceci, 732 - Planalto Paulista - São Paulo - SP - 04065-001.

**SUBVERSOS** \* n.º 6 \* dez/2008 \* 52 págs. \* A4 \* capa color. \* **Alexandre Manoel** - R. Esperança, 10 - J. Santo André - São Paulo - SP - 08390-545.

**TARZAN** \* n.º 1 \* jan/2010 \* 52 págs. \* 180x270mm \* capa color. \* R\$ 30,00 \* **Sérgio Luiz Franque** - R. César Brigato, 295 - Ribeirão Preto - SP - 14090-540.

**TOP! TOP!** \* n.º 26 \* fev/2010 \* 52 págs. \* 140x200mm \* R\$ 8,00 \* **Henrique Magalhães** - Av. Maria Elizabeth, 87/407 - João Pessoa - PB - 58045-180.

**TORMENTA** \* n.º 4 \* fev/2010 \* 36 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**TURMA DO GABI** \* n.º 2 \* mar/2010 \* 28 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 5,00 \* **José Salles** - C.P. 95 - Jaú - SP - 17201-970.

**VISUALIDADES** \* livro com Dossiê sobre HQs \* jun/2009 \* 256 págs. \* A5 \* capa color. \* **Faculdade de Artes Visuais** - Campus Samambaia - C.P. 131 - Goiânia - GO - 74001-970.

---

## FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

---

**JUVENATRIX** \* n.º 121 \* mar/2009 \* 27 págs. \* arquivo pdf via e-mail \* **Renato Rosatti** - renatorosatti@yahoo.com.br.

**SCARIUM** \* n.º 26 \* fev/2010 \* 72 págs. \* A5 \* capa color. \* R\$ 8,00 \* **Marco Bourguignon** - R. Âncora, 45/202 - Rio de Janeiro - RJ - 21910-340.

---

## OUTROS ASSUNTOS

---

**O CAPITAL** \* n.º 188 \* fev/2010 \* 16 págs. \* ofício \* **Ilma Fontes** - Av. Ivo do Prado, 948 - Aracaju - SE - 49015-070.

**MENSAGEIRO** \* n.º 194 \* fev/2010 \* 4 págs. \* A5 \* **Arthur Filho** - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370.

**BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO FILATÉLICA E NUMISMÁTICA DE BRASÍLIA** \* nº 64 - C.P. 500 - Ag. W3 - 508 Sul - Brasília - DF - 70359-970.

**CIDADE DOS VENTOS** \* Ivone D'Peraça e Wagner Passos - wagnerpassos@vagaodohumor.com.

**CHARLES BUKOWSKI** \* Kleide Keite - R. 1º de Maio, 112 - Pernambuco - Salvador - BA - 41120-120.

**CONHECE-TE A TI MESMO** \* nº 109 \* Marcelo Pereira Rodrigues - C.P. 167 - Conselheiro Lafaiete - MG - 36400-000.

**DOIS** - suplemento de **VERSOS LIVRES** \* nº 29 \* Antônio Luiz Lopes - R. Francisco Antunes, 687 - V. Augusta - Guarulhos - SP - 07040-010.

**FALANDO A SÓS** \* nº 25 \* Mauro Sousa - C.P. 2030 - Santos - SP - 11060-970.

**O GARIMPO** \* nº 56 \* Cosme Custódio da Silva - R. dos Bandeirantes, 841/301 - Matatu - Salvador - BA - 40260-001.

**O JORNALZINHO** \* nº 183 \* Araci Barreto da Costa - R. Anízio Pereira Rodrigues (antiga Rua 7), 761 - Quadra 27 - Apolo III - Itaboraí - RJ - 24800-000.

**LEIAMIGOS** \* nº 455 \* Denise Teixeira Viana - C.P. 11052 - Rio de Janeiro - RJ - 20236-970.

**LETRAS SANTIAGUENSES** \* nº 85 - Auri Sudati - C.P. 411 - Santa Maria - RS - 97001-970.

**LITERARTE** \* nº 298 \* Arlindo Nóbrega - R. Rego Barros, 316 - São Paulo - SP - 03460-000.

**LIVRARIA POSTAL** \* catálogo com dezenas de livros \* Robson Achiamé - C.P. 50083 - Rio de Janeiro - RJ - 20062-970.

**VAMPIROS** \* nº 14 \* R\$ 2,00 ou troca \* Valdir de Oliveira - R. Américo Sugai, 1128 - São Paulo - SP - 08060-380.

**VERSOS LIVRES** \* nº 29 \* Antônio Luiz Lopes - R. Francisco Antunes, 687 - V. Augusta - Guarulhos - SP - 07040-010.

**VIDA E PAZ** \* nº 125 \* Mauro Sousa - C.P. 2030 - Santos - SP - 11060-970.

**A VOZ** \* nº 111 \* Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.

## RECADOS

**João Manuel Pereira Machado** envia lista de venda de gibis antigos. - R. Benjamin Constant, 481 - Itu - SP - 13300-123.

**Lázaro Cruz** possui para venda diversas revistas de quadrinhos (Disney, Bonelli, Abril etc.) - R. J.J. D'Avila, 30 Piratini - RS - 96490-000.

**Arthur Filho** vende coleção completa de "Billy the Kid & Outras Histórias", 11 edições com Aduato Silva, Shimamoto, Elmano Silva e outros, por R\$ 88,00. - R. Espírito Santo, 232/02 - Porto Alegre - RS - 90010-370 - arthur.gouju@bol.com.br.

**Lari Franceschetto** lança seu primeiro livro solo, "Espelho das Águas", e simultaneamente o filme-documentário "Espelho das Águas - Andanças de um Poeta". O livro custa R\$ 28,00 e o DVD R\$ 30,00. - R. João L. Carvalho, 98 - Veranópolis - RS - 95330-000.

**Rogério Salgado** está organizando o "Poetas En/Cena" volume 4 para lançamento no "6º Belô Poético" em julho. - C.P. 836 - Belo Horizonte - MG - 30161-970 - belopoetico@yahoo.com.br.

**Paulo Joubert Alves** tem lista de revistas de heróis da Abril, Panini, Pixel e Mythos para venda ou troca. Também procura para compra algumas revistas da Panini e os nºs 31, 37, 42 e 45 de "Almanaque do Capitão América" da Abril - C.P. 108 - Belo Horizonte - MG - 30161-970

**Lio Guerra Bocorny** envia lista de venda de revistas diversas de quadrinhos (Abril, Ebal, RGE, La Selva, Edix etc.) - R. Pres. João Goulart, 182 - Carazinho - RS - 99500-000.

**Armando Gonçalves** divulga "O Intermediário", boletim mensal de aproximação entre colecionadores. - R. Duarte da Costa, 9 - Ferraz de Vasconcellos - SP - 08525-410.

Como pode ser visto no anúncio da página 3, a editora Marca de Fantasia lançou o número 26 do livro-revista **TOP! TOP!** dedicado ao meu trabalho. Além de uma amostra vasta e variada de minhas HQs, tiras, cartuns e ilustrações, traz uma longa entrevista conduzida por Henrique Magalhães. Esta entrevista traz dados pessoais, como era de se esperar, mas foi um espaço em que aproveitei para refletir sobre vários assuntos relacionados com os quadrinhos independentes, como a importância das HQs, a caracterização de uma editora independente, a importância da internet na divulgação de fanzines etc. Algumas discussões que prometi aqui no "QI" acabei desenvolvendo no livro.

Tenho alguns exemplares para venda ao preço de R\$ 8,00.

## ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS

Está à disposição do leitor interessado o livro **ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS**, compilando as 60 páginas da série publicadas nos "QIs" 41 a 100, de nov/dez de 1999 a out/nov/dez de 2009. O livro é um curso completo sobre Histórias em Quadrinhos usando a própria linguagem das HQs. Embora faça uso do humor, trata dos temas relacionados às HQs com seriedade e profundidade.

O livro possui 72 páginas no formato 165x210mm e será vendido pelo preço de custo, R\$ 15,00, mais o porte. Portanto, quem tiver interesse, basta enviar o pagamento de **R\$ 17,00** (R\$ 15,00 mais R\$ 2,00 do porte) da forma que achar mais conveniente (cheque nominal, vale postal, grana camuflada ou depósito bancário). Para quem preferir depósito, os dados são: **Edgard José de Faria Guimarães - Caixa Econômica Federal - agência 1388 - operação 001 - conta corrente 5836-1**. O depósito pode ser feito em Casa Lotérica. **Importante:** Quem optar pelo depósito, deve me enviar cópia do recibo de depósito para que eu possa identificar o depositante.





Seleção de capas de “O Grupo Juvenil”, fanzine editado por Jorge Barwinkel.

NOSSA! É MESMO! QUE  
COINCIDÊNCIA! SEUS PAIS  
E SUA IRMÃ MORREREM  
DE ACIDENTE DE CARRO!...



COINCIDÊNCIA? É  
ISSO QUE ENSINAM EM  
SUAS FACULDADES?



QUANDO SEUS COLEGAS  
CIENTISTAS DESCOBRIRAM  
QUE TODOS OS SERES  
VIVOS USAM AS MESMAS  
MOLECULAS EM SEUS  
CÓDIGOS GENÉTICOS...



O QUE ELES PENSARAM?  
O QUE GRANDE  
COINCIDÊNCIA DA  
NATUREZA!



OU CONCLUÍRAM QUE  
TODOS OS SERES VIVOS TÊM  
ORIGEM COMUM?



VOCÊS JÁ TÊM IDADE  
PARA SABER QUE  
COINCIDÊNCIA NÃO  
EXISTE!...



MAS JÁ VI QUE TODA A  
LÓGICA RACIONAL NÃO É  
SUFICIENTE PARA VOCÊ SE  
CONVENCER DA CULPA DE  
SEU TIO NESSAS MORTES...



ENTÃO NÃO VAMOS PERDER  
TEMPO. VAMOS VOLTAR  
AO ASSUNTO DE SEUS  
SOBRINHOS...



POR QUE ELES VIERAM  
PARA CÁ DEPOIS DA  
MORTE DA MÃE DELES?





